

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

14 a 27 de Janeiro de 2020 | Nº 198 | Ano VIII • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

Pág.
03 e 04

ECO DE ANGOLA



Proteger o livro



Suekí:
Exposição Individual
“As Escadas do Mundo”
no ELA

Pág.
10

PATRIMÓNIO CULTURAL

Pág.
13 a 15

Contraste linguístico:
kikonguismo
nos falantes
de português



Um canto ao meu Congo
N'Kunga kwa Kongc
dya me de Fragata
de Morais

Pág.
05 a 07

ARTES

LETRAS

Poema de Barros Neto



Cidália

No largo Rainha Njinga
entre o rebuliço
das gentes
das fomes
e o desvario
das buzínadelas
dos carros de todas as marcas
vi
a bela Cidália

ia velha de jovem
olhar mortiço da vida cansada
- réstia de rara beleza
nos escombros esvaída
dos esgotos da curtição -

na «Lello»
pairou
seu triste reflexo
na montra mirou

cabisbaixa
segiu
a camuflar-se
por entre o vórtice
das gentes

sem norte



Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Kassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 198/Ano VIII/ 14 a 27 de Janeiro de 2020
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Gaspar Micolo

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: António Fonseca, Barros Neto, Carlos Lamartine,
Domingas Monte, Eduardo David Ndombele, Elizânela Rita,
Francisco Neto, Jacques Arlindo dos Santos, João Ngola Trin-
dade, Mário Pereira.

Portugal: António Justo

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, História.com,
Obvious Magazine e Engenharia é.



JACQUES
ARLINDO
DOS SANTOS

Fui roubar o título do documento que dá corpo à minha intervenção, a um trabalho escrito nos primeiros anos deste novo século pelo francês Markus Gerlach, um professor de Estudos Comparados, a trabalhar na época, na Universidade de Paris-XII.II, trabalho ao qual dedicou bastante atenção e se interessou particularmente pelos aspectos culturais, económicos e políticos do preço fixo do livro. A abordagem estendeu-se naturalmente à crise que se vivia e ainda vive, no mundo editorial europeu, com naturais reflexos para a crise que ainda persiste no mercado editorial mundial.

Nesse trabalho mais voltado para a realidade brasileira e recheado de quadros estatísticos que abordam situações que vão desde a renda bruta real dos consumidores de livros, até ao número de exemplares de livros vendidos pelas editoras, mostra-se claramente que se trabalhou em números e realidades de um mercado que é funcional há muitos anos. Mapas comparativos com outras situações do mundo editorial no geral, surgiram plasmados nessa obra que, espero, nos venha a ser útil, quando o nosso mercado passar pelas etapas que um mercado deve realmente passar, o que implica afirmar que nós, em Angola, estamos claramente no zero.

Quando alcançámos a independência nacional não havia, que eu me recorde, editoras em Angola. Surgiu a União dos Escritores Angolanos, a seguir apareceram a Ler & Escrever, a Chá de Caxinde e a Nzila e pouco depois a Kilombelombe. O mercado alterou-se, entretanto, e hoje há já a operar no nosso país um número razoável de casas editoras. Mas a verdade é que este conjunto de empresas, entidades ligadas ao livro, não seguem, não tinham como seguir, uma política uniforme e abrangente que garanta a regulação da edição e da comercialização do livro e de todas as componentes que lhe estão agregadas. Neste momento, cada actor desempenha a sua acção de acordo com os seus interesses particulares, e isto significa dizer que, sinceramente, esta é uma situação que não se pode mais tolerar. A despeito de ter sido criada, há anos atrás, a AELA, a Associação dos Editores e Livreiros de Angola, que teria como missão fundamental, aquela que andamos anos e anos à procura, ou seja, a organização da política do livro no nosso país, é caracterizada apenas por um vazio enorme neste domínio, demonstrati-



vo de que nada de concreto foi realizado nesta matéria.

O livro, e quando falo do livro estou a ver toda a estrutura que lhe dá suporte, o livro, dizia, é para mim e suponho que para todos nós, o assunto, senão o mais importante, um dos mais importantes que o governo tem entre mãos. Não é difícil chegarmos a esta conclusão, se tivermos em conta o elevado grau de analfabetismo da nossa população e dos baixos índices de hábitos de leitura existentes. Um país de analfabetos, onde a pouca percentagem dos que sabem e querem ler enfrenta tremendas dificuldades para adquirir um livro por virtude do seu alto preço, é um país que não tem, garantidamente, o seu futuro assegurado. Não admira, portanto, que esta problemática esteja no centro das preocupações do Executivo, a par de outros assuntos que poderão ser considerados de maior ou menor importância. Para nós, este assunto do livro é fundamental, é prioritário e, por isso entendemos perfeitamente as medidas que foram tomadas já pelo Executivo do presidente João Lourenço, nomeadamente a nomeação de uma comissão que integra funcionários dos Ministérios da Cultura e da Educação, para atender às preocupações que lhe são implícitas. E é a partir daí que começam, verdadeiramente, as nossas dúvidas e os nossos receios. Vejamos:

Foi nesse âmbito e com o pensamento voltado essencialmente para

esta ideia que realizamos em 2007 o primeiro encontro de escritores angolanos, na cidade do Lubango. Nessa altura, cerca de uma centena de escritores e outros interessados no negócio do livro, trabalharam na discussão de uma série de temas relacionados com o livro, tendo saído desse conclave um conjunto de documentos contendo ideias conclusivas, sobre o trabalho realizado e no qual se apontavam caminhos bem definidos a seguir no futuro. Tais documentos foram remetidos para o Ministério da Cultura e para a Assembleia Nacional. Infelizmente, nunca recebemos nenhuma resposta, nenhum comentário. Mas, volvidos uns tempos, longos meses, foi divulgado o diploma que regula a política das bibliotecas e dos hábitos de leitura (uma das várias decisões e recomendações saídas do encontro de escritores) que, como vimos constatando não tem resultados práticos nem abrangentes. É deste modo que, havendo necessidade de se impulsionar este trabalho, perante a evidente apatia da Comissão recentemente nomeada (o termo obedece apenas à evidência dos factos) e na base dos factos constatados, que fazemos as seguintes perguntas:

1 – é válida ou não a ideia de que o governo incentiva um tipo de actuação que pressuponha uma governação inclusiva, onde o cidadão e as instituições participam e ajudam com o que podem e sabem?

2 – a comissão criada, inclui nomes de figuras públicas, historicamente ligadas a esta problemática? Que nomes e experiências práticas foram ou vão ser indicados, tendo em vista a credibilização do processo?

3 – numa conjuntura onde neste campo específico nada se encontra feito, e se realmente se trabalha, como esperamos, que passos foram já dados? Consta ao menos das suas intenções a subvenção do preço do livro como acontece em países como Cuba? As feiras do livro e o acesso das crianças a este objecto fundamental está contemplado?

4 – por que razão os governantes se mostram receosos da sociedade civil e se afastam tanto das populações? Porque não se solicita o nosso apoio? Porquê tamanha desconfiança?

Termino, não com mais uma pergunta, mas com uma constatação. E, com o devido respeito que se deve ter por pessoas e por instituições, atrevo-me a dizer que nunca acreditei em Comissões de Trabalho. Esta aversão vem do tempo colonial, quando se dizia que o governo nomeava comissões de trabalho quando não queria resolver o problema que originava a sua criação. Por cá, já vimos dezenas de comissões a serem criadas, sem nunca termos sabido dos resultados que elas produziram. Espero que no caso concreto não aconteça o mesmo.

Luanda, 3 de Dezembro de 2019

O júri do Concurso Criar Lusofonia declarou vencedor do mesmo, João Ngola Trindade, informou a organização do referido evento a 18 de Dezembro de 2019.

Apoiado pelo Ministério da Cultura de Portugal, e gerido pelo Centro Nacional da Cultura do referido País, o Concurso Criar Lusofonia tem por objectivo a atribuição de bolsas no domínio da escrita para cidadãos de países de Língua Oficial Portuguesa e a criação de contactos aprofundados com outros países lusófonos aos escritores/investigadores de língua portuguesa, a fim de produzirem uma obra destinada à divulgação no espaço lusófono, lê-se no regulamento.

Colaborador do Jornal Cultura, João Ngola Trindade referiu que, inicialmente, teve conhecimento do concurso através do Semanário Novo que, numa das suas edições do ano transacto, noticiou a realização do concurso. Contudo, afirmou que não sentiu muita motivação para concorrer.

“O professor Francisco Soares, especialista em Literatura Africana, colocou-me em contacto com o link da organização e aí encontrei o regulamento do concurso que exige que os candidatos tenham já publicada uma obra e artigos, apresentem a cópia do BI, ou do Passaporte, um projecto de criação literária ou de investigação literária e o curriculum”.

João Ngola Trindade afirma ter apresentado a sua candidatura somente a 31 de Outubro do ano em curso, portanto, no último dia de submissão das candidaturas, depois de ter reflectido profundamente se valia a pena concorrer. “Eu estava e continuo empenhado numa pesquisa e tinha de reservar tempo para preparar o dossiê da minha candidatura. Depois de a ter preparado, questioneei-me se valia a pena realmente concorrer. Tomei a decisão de concorrer no último dia da apresentação das candidaturas, 31 de Outubro de 2019”.

A decisão do júri foi-lhe comunicada por e-mail no dia 18 de Dezembro, con-

forme revelou ao Jornal Cultura: “recebi de Portugal a mensagem de felicitação do Centro Nacional da Cultura, do Ministério da Cultura e da Direcção Geral do Livro, dos Arquivos e da Biblioteca no meu e-mail quando o abri justamente para enviar ao Jornal Cultura um artigo que, curiosamente, é uma parte da pesquisa que tenho realizado sobre a obra de Castro Soromenho”.

A primeira parte deste artigo foi publicada na edição nº197 (31.12.2019). O leitor poderá encontrar nesta edição a segunda parte deste artigo.

A bolsa atribuída está avaliada em três mil euros e destina-se a cobertura das despesas inerentes investigação que João Ngola Trindade vai desenvolver em Portugal.

Contudo, esclarece o Centro Nacional da Cultura de Portugal, impõe-se a necessidade de o investigador enviar o cronograma da investigação: “Para dar início a esta condição de bolseiro, deverá enviar (entre 15 e 30 de janeiro) um programa de desenvolvimento do projeto e calendarização, incluindo previsão de datas de deslocação e estada [...]”.

O montante previsto para viagens é de 1000 € (inclui viagens internacionais e internas)”, lê-se na mensagem de felicitação.

João Ngola Trindade afirma estar a aguardar apenas pela licença que solicitou a sua entidade patronal para que possa terminar o cronograma da investigação.

Sobre o factor que terá pesado na decisão do júri de atribuir-lhe a bolsa, o historiador refere que “no regulamento afirma-se que os candidatos seriam apreciados com base no curriculum. Eu inclui no meu curriculum o li-



vro de ensaios que lancei em Maio 2019, “O Papel do Escritor na Sociedade Colonial Angolana”, um outrolivro que está no prelo e 22 dos 50 textos que escrevi e foram publicados na imprensa angolana. Penso que o trabalho que desenvolvo foi determinante para que o júri tivesse decidido declarar-me vencedor do concurso”.

Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, João Ngola Trindade colabora no neste jornal desde 2012, tendo inicialmente colaborado

no Semanário Folha 8 e, posteriormente, no Novo Jornal.

Porém, a maior parte da sua produção intelectual foi publicada neste quinzenário de Artes e Letras, que até este preciso momento trouxe a lumemais 50 textos da sua autoria, nomeadamente, artigos, ensaios e recensões críticas.

O historiador escreve igualmente textos para o Antologia – programa sobre Tradição Oral, apresentado na Rádio Nacional de Angola pelo escritor e jornalista António Fonseca.

A razão do Semba

CARLOS LAMARTINE

O Semba com a sua magia
Faz o canto alto da nossa imaginação
Vem do coração
Flores e frutos, bendito condão.

Beleza linda
Do Mundo Rainha,
Na passarela
Ginga ao passo do osso do leão,
A ilustrar a moda
A alma da nossa nação,
Ilumina a nossa tradição.

Malé de Fontes P'reira,
Lindo da Popa e o Cerineu,

Velhas glórias do nosso carnaval...
Amaral Rodrigues,
Joy dos Tambores,
Joãozinho do Bairro Operário....
Ritimam o Semba
Na sua forma ao natural.

Acompanhamento do Conjunto “O Coração de Angola”, de Carlos Lamartine, Gregório Mulato, Botto Trindade, Teddy Nsingui e Zeca Terilene. Participação de Hildebrando Cunha.

Música gravada nos Estúdios da Rádio Nacional de Angola em 1998 e editada no CD Cidrália na África do Sul em 1999.



ANTÓNIO FONSECA

Cremos que desde logo devemos felicitar o confrade Fragata de Moraes por este livro cujo título arrebatador nos eleva para a mística do espaço socio-cultural Kongo no qual se cruzam makandas (as linhagens matrilineares), se constroem lumbus (as linhagens patrilineares e residências patrilocais, se narram nvilas (as genealogias) que permitem ao mukongo com um simples nome de linhagem identificar familiares, ser acolhido, aqui ou noutra lugar.

E é esse sentido de identidade presente no título do livro que faz com que, sejamos ou não linhageiramente mukongo, assumamos orgulhosamente essa parte da nossa história e da nossa memória colectiva que nos permite afirmar que “a força de um rio está nos seus afluentes” como de resto o Kasai se tornou noiva de Mzadi e, feito o “muanga matoko, o espalha pretendentes”, prestado o “ombongo em sinal de reconhecimento pela prenda da filha que receberia nos seus braços”, ganharam grandeza e admiração e nunca mais se separaram.

Se quanto ao conto, o menino que correu para o mar, devemos destacar o plano ficcional conseguido pelo autor, devemos dele sublinhar o resgate do título máximo do poder político Kongo: NTINU, em vez de Ntotela, que seria o epíteto do mesmo. Sobre este aspecto, permitam-me chamar a atenção dos estudiosos para o capítulo subscrito pelo professor Theophile Obenga, no primeiro volume da História Geral de África.

Neste conto, o menino que correu para o mar, como de resto nos demais, podemos encontrar os ensinamentos dos mais velhos expresso através de provérbios de que podemos destacar que dar o nosso nome a uma criança, não se trata de escolher unicamente um nome, mas que um filho deverá ter o comportamento digno e exemplar do seu xará e, portanto, nessa perspectiva deve ser educado.

Fragata de Moraes bebeu muito da cultura e da história dos Akongo, portanto, dela não tem medo nem pode fugir, até porque, como ele mesmo escreve, - cito - “ Quando já foste

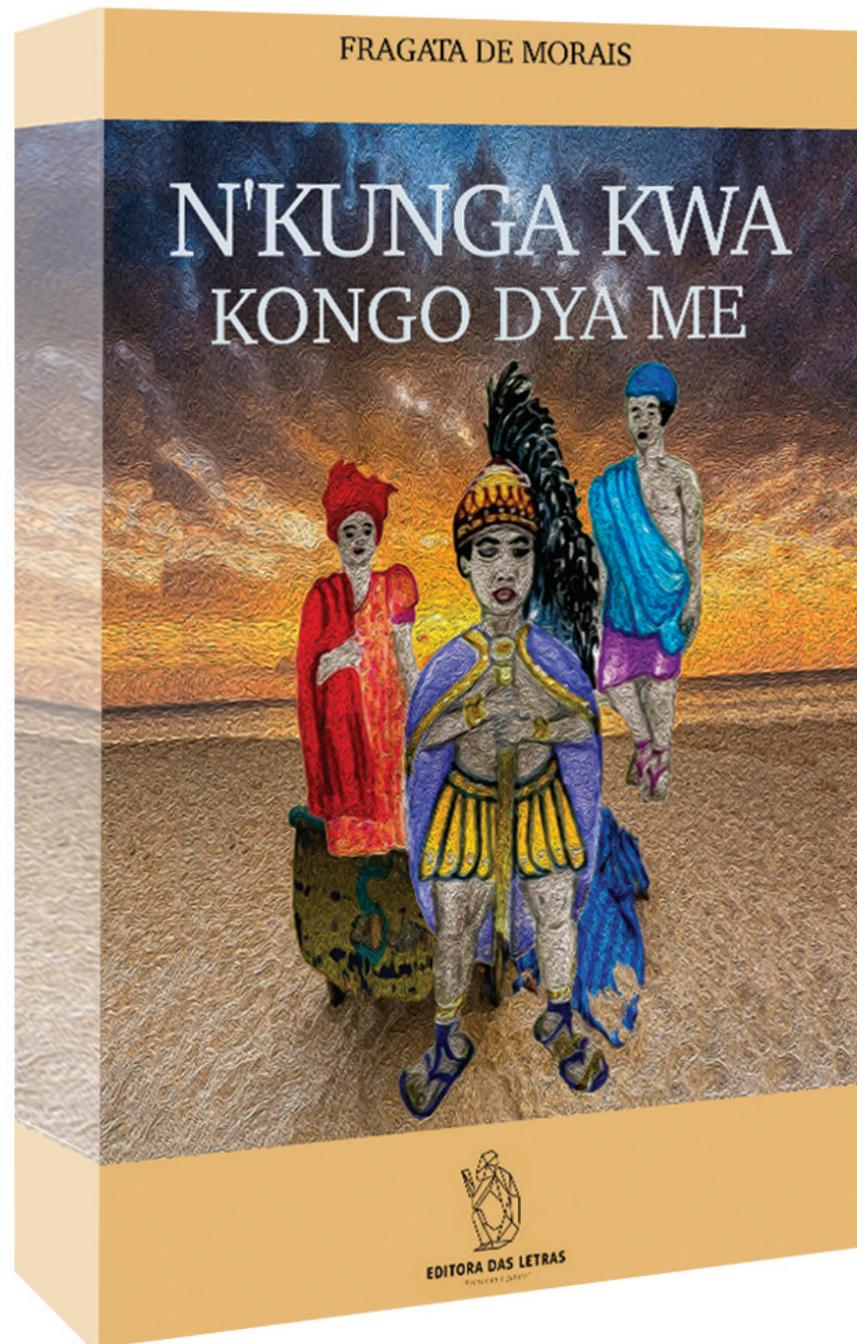
Um canto ao meu Congo N'Kunga kwa Kongo dya me

apanhado por um crocodilo, podes temer a água?” – Claro que não. É este o caso do autor de batuque mukongo que agora nos brinda com esta exemplar obra...

Escreve ainda o autor: “Ntinu Wene, arvorado em pai incansável, altivo e extremoso, chamou para o assunto os mais velhos, os maduky, sapientes. – Trata-se de um bom exemplo que bem serviria nos dias de hoje, em muitas ocasiões. – En passant, aproveitamos para dizer que o termo MADUKY, DUKY, no singular, com que no contexto sociocultural de língua kikongo se designam os conselheiros, os anciãos, os decisores em uma assembleia, não será mais do que uma corruptela ou nacionalização do título DUQUE, o que nos parece poder ser explicado a partir da obra “ Angola Cinco Séculos de Cristianismo”, de Dom Manuel Nunes Gabriel que nos diz ter sido ao abrigo da Carta de Armas que o Congo passou a ter armas próprias, as suas províncias passaram a chamar-se principados, ducados, condados, etc. e os seus chefes príncipes, duques e o rei concedia o Hábito de Cristo(...) a vassallos que desejava premiar e o título DOM torna-se tão frequente no Congo. E conclui: Escreve o padre Cavazzi que quando os pais levassem os filhos ao baptismo, embora fossem miseráveis e mal tivessem um farrapo para cobrir a criança, ao perguntarem-lhes o nome respondem:” Dom Fulano, Dona Sicrana”.

Acrescentamos nós que isto explica também que a expressão “NE” que constitui um distintivo de notoriedade e de respeito, que antecede o nome de um mais velho, ou de um “mfumu”, um dignitário, um titular de cargo familiar ou público, coexistia com o mesmo valor com o título “NDOM” que constitui a nacionalização de DOM, pela agregação do som pré-nasal.

Um canto ao meu Congo, de FRAGATA DE MORAIS, é um percurso ficcional sobre os diversos ciclos da história do Kongo que vão da sua fundação, à sua cristianização, à sua decadência e busca do renascimento cultural, neste livro representado pela história da mãe ndona Beatriz, Kimpa Vita, bem como ao início da derrocada do Reino do Kongo, repre-



sentada pela Batalha de Ambwila, tão brilhantemente aqui explicada, no conto Ulanga o Rio que Secou para Sempre.

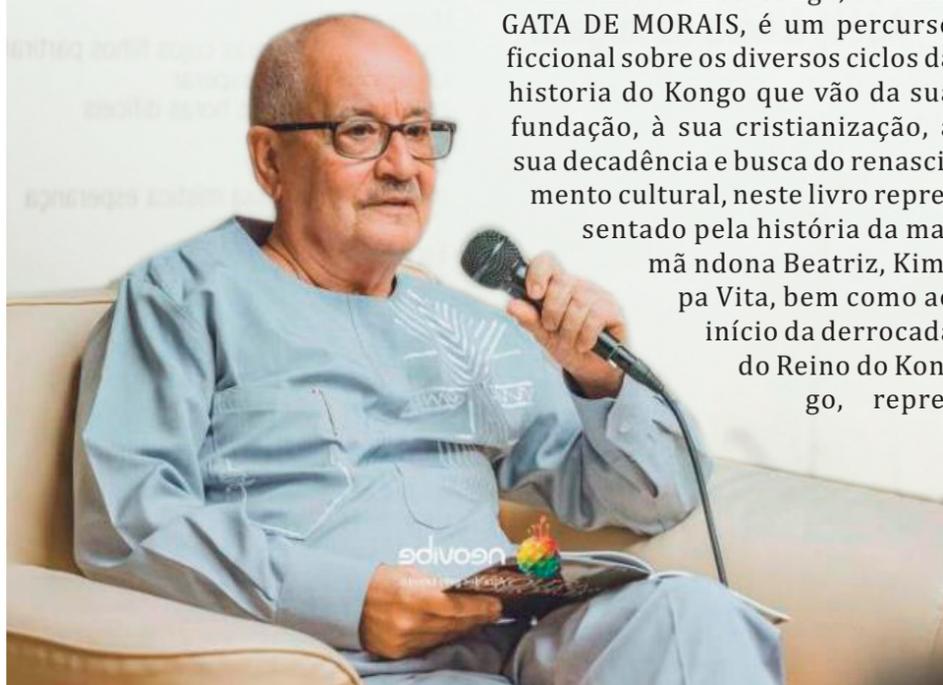
“ Ó Kongo eterno, que tanto filho ilustre soubeste produzir” – escreve Fragata de Moraes... e com razão... e exemplos não nos faltam.

Basta lembrar-nos de Ne Mvemba Nzinga (D. Afonso I do Congo) que marcou a história do Congo como o primeiro governante a denunciar o tráfico de escravos negros, que era feito com a autorização da Coroa Portuguesa, assim como ter sido o responsável pela implementação de um sistema educativo moderno, voltado para rapazes e raparigas, cujo filho batizado com o nome de Henrique aos 26 anos viria a ser sagrado bispo, tornando-se assim no primeiro Bispo negro dos tempos modernos e que exerceu o seu ministério como Vigário Geral do Bispado do Funchal, na Diocese do Funchal, Ilha da Madeira, portanto..

Claro está e importa sublinhar que não escapou ao autor um olhar sobre a saga do mais emblemático des-

ses filhos ilustres do Kongo, aquele que ficou na história conhecido como o primeiro embaixador negro no Vaticano. Trata-se do Marquês António Manuel de Funt, (e aqui, quanto ao nome Funta, mais um erro cristalizado nas fontes escritas), de seu nome vernáculo Nsaku Ne Vunda, com cerca de 33 anos de idade, ordenado padre com o nome de António Manuel. Do Rei do Kongo Álvaro II recebe as credenciais que ele está encarregado de apresentar ao Papa, em Roma, para consolidar o catolicismo no país Kongo.

Como se pode ler desta obra, com passagem pelo Brasil, com passagem por Portugal e Espanha, com vários sequestros, Dom António Manuel não desiste. Importa dizer que graças a uma troca de cartas com o Vaticano, ele defende a causa de que fora incumbido e - cito - “a congregação dos ritos do Vaticano, depois de ter examinado a questão, decide que o enviado do Mani Kongo pode ser recebido tão solenemente como os embaixadores dos outros reis” – pode ler-se numa nota conservada no Ins-





Fragata de Morais bebeu muito da cultura e da história dos Akongo, portanto, dela não tem medo nem pode fugir, até porque, como ele mesmo escreve, - cito - “Quando já foste apanhado por um crocodilo”



tituto Real Colonial Belga.

Embora tentando ser ficção, neste aspecto como em muitos outros, *Fragata de Morais* leva o leitor a saber que após uma périplo de mais de quatro anos, Dom António Manuel, o embaixador do Kongo, chega a Roma e pôde finalmente apresentar as suas credenciais ao Papa Paulo V, tornando-se no primeiro embaixador negro junto da Santa Sé.

A 06 de janeiro de 1608, depois de ter transmitido o essencial da sua missão de que figurava, a demanda de ajuda do Papa para o termo do tráfico negreiro (5), dentre outras questões importantes, D. António Manuel, marquês de Funta que tinha então a sua saúde muito debilitada devido às vicissitudes da sua viagem, infelizmente acabou por falecer. O ilustre embaixador, que ficou conhecido entre os romanos por Nigrita, mereceu funeral com grande pompa e enterro na Basílica de Santa Maria Maggiore, em Roma, onde ainda existem o seu túmulo e busto em mármore, como narra o autor.

Para concluir este aspecto, a título de curiosidade, - acrescento que por ironia da história, António Manuel de Funta “Para deixar as costas do reino do Kongo, ele embarca no único galeão disponível: um navio negreiro que, antes de aportar a Lisboa, vai primeiro deixar a sua carga sórdida no Brasil”.

Finalmente, permitam-nos felicitar o confrade *Fragata de Morais* pelo facto de, com esta obra, vir dar corpo à ideia, segundo a qual, o “homem angolano, confrontando com as exigências do progresso e do desenvolvimento deve continuar cioso das nossas tradições, ser consciente da nossa história e estar imbuído da nossa cultura, ao mesmo tempo que seja detentor do saber técnico-científico moderno”.

CONCLUINDO: cremos que FRAGATA DE MORAIS neste livro dá-nos um bom exemplo de caminhos a seguir para divulgar a nossa história e de como a mesma pode ser usada no processo educativo informal das novas gerações. Do mesmo modo relança o debate sobre a actualidade das nossas tradições... e quanto a isto, fica também o sublinhado quanto ao recurso que o autor faz ao uso de provérbios no livro o que em si mesmo acrescenta à obra a dimensão estética das nossas tradições e literaturas orais.



Agostinho Neto

Um Sintomatologista de Angola

O presente artigo pretende fazer uma radiografia ao pensamento de Agostinho Neto, expresso na sua vasta obra poética, por formas a perceber até que ponto ela é uma sintomatologia dos problemas e anseios vividos pelo povo angolano na época da colonização. A literatura pode transformar-se numa análise minuciosa de questões sociais que enfermam uma determinada sociedade; um documento-veículo-metamorfose-linguagem própria de denúncia-fuga-revolta-libertação. A criação artística e literária é na visão de Deleuze, “um acto de tornar visível o invisível, tornar pensável o impensável. A criação literária é principalmente resistir e quando ela produz linhas de fuga das situações de opressão ou nos imuniza de qualquer tipo de pensamento fascista, ela é saúde”.

DOMINGAS MONTE

“A certeza da vitória eras tu, que sabias sorrir diante do perigo, que sabias criar com os olhos secos, que não conhecias nem o medo nem a dúvida diante dos objectivos que desde cedo foram traçados”. Lúcio Lara, in oração fúnebre pronunciada perante a urna com o corpo do presidente Agostinho Neto, no salão do povo,

em Luanda, no dia 17 de Setembro de 1979.

No seguimento do que se afirma acima consegue-se vislumbrar a bravura e a determinação do estadista-líder e poeta. Homem destemido, forte e lutador natural com objectivos definidos, tal como anuncia no poema “Adeus à hora da largada, /eu já não espero/sou aquele por quem se espera”. É uma tomada de consciência sobre o que

viria a acontecer mais tarde, ou seja, tinham de lutar e a caneta do poeta torna-se nessa arma ideológica e impulsionadora que os impe-lia para o combate.

O texto literário como instrumento-resistência vai ser objectivo para influenciar atitudes e comportamentos, por formas a interferir na vida política e cultural dos povos, tendo em vista a construção de narrativas que vão forjar a sua identidade. A partir daqui, pode o escritor montar-construir uma peça denunciadora dos sintomas candentes da sua sociedade baseada numa ideologia colectiva de libertação de qualquer violência-dominância.

“Hoje/somos as crianças nuas das sanzalas do mato/os garotos sem escola a jogar a bola de trapos/nos areias ao meio-dia/somos nós mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais/os homens negros ignorantes/que devem respeitar o homem branco/e temer o rico/somos os teus filhos/dos bairros de pretos/além aonde não chega a luz eléctrica/os homens bêbedos a cair/abandonados ao ritmo dum batuque de morte/teus filhos/com fome/com sede/com vergonha de te chamarmos Mãe/com



medo de atravessar as ruas/com medo dos homens/nós mesmos"

A poesia é desse ponto de vista um lugar de resistência e fuga, onde se vão confluír sentimentos em órbita; libertar vontades e gritos em clausura. Ela tem a vocação de explorar os mistérios irracionais, perscrutar a vida social, vivificar os moribundos dum sistema imoral-opressivo-mortal, buscando rastros de humanidade para dignificar o homem-povo.

"Eu não existo/Palavra de honra que nunca existi./Atingi o Zero/o Nada./Abençoada a Hora/do meu super-suicídio/para vós/homens que construíis sistemas morais/para enquadrar imoralidades".

De acordo com Deleuze (2010) "a obra de arte é portadora de sintoma, tal como o corpo ou a alma, embora de uma maneira bem diferente. Nesse sentido, tanto quanto o melhor médico, o artista e o escritor podem ser grandes sintomatologistas". Ele deve tratar o mundo como um sintoma, e construir a sua obra não como um terapeuta, mas, em todo o caso como um clínico.

Com efeito a criação poética de Agostinho Neto remete para um levantamento psico-sintomatológico de questões de ordem social, cultural e política, como alavancas para uma

//

"Hoje/somos as crianças nuas das sanzalas do mato/os garotos sem escola a jogar a bola de trapos/nos areias ao meio-dia/somos nós mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais/os homens negros ignorantes/que devem respeitar o homem branco/e temer o rico/somos os teus filhos/dos bairros de pretos/além aonde não chega a luz eléctrica/os homens bêbedos a cair/abandonados ao ritmo dum batuque de morte/teus filhos/com fome/com sede/com vergonha de te chamarmos Mãe/com medo de atravessar as ruas/com medo dos homens/nós mesmos"

reivindicação que se impunha, em função dos ideais da colonização, que por décadas aprisionou e acometeu os sonhos do povo angolano, como se pode verificar nos seguintes versos do poema "Sombras: não grita seus anseios/ no receio de perturbar um mundo/ que o ofusca/ ouço vozes longínquas/ dos homens que não cantaram/ recordo dias felizes que não vivi/ existem vidas que nunca foram/ vejo luz onde só há trevas".

O poeta nesses versos mostra-nos alguns sintomas que representavam o cancro, o caos daquele sistema violento, que visava o aniquilamento de culturas inteiras, reduzindo o homem a nada como se pode ler no poema "A renúncia impossível: não sou/ não existo/ nunca fui/ renuncio-me/ atingi o zero. Não existo/ nunca existi/ não quero vida nem morte/ nada!"

Aqui começa um processo de avaliação-diagnóstico dos sintomas que enfermavam o povo angolano, num acto de negação-denúncia-resistência da opressão, por formas a encontrar vias de fuga e de saúde. A literatura também tem esse poder e Agostinho Neto soube utilizá-lo numa busca permanente pelos signos de

doença, cura e vida. O poema "velho negro" constitui-se numa denúncia-doença como se pode ler nos seguintes versos:

//

"Vendido/E transportado nas galeiras/Vergastado pelos homens/Linchado nas grandes cidades/Esbulhado até ao último tostão/Humilhado até ao pó/Sempre sempre vencido/É forçado a obedecer/A Deus e aos homens/Perdeu-se/Perdeu a pátria/E a noção de ser/Reduzido a farrapo".

Esses versos carregados de dor e mágoa representam uma invocação dos oprimidos a resistir a todo tipo de humilhação e subjugação. É na visão de Deleuze "uma possibilidade de vida". O "velho negro", foi vendido, transportado, linchado, humilhado e reduzido a nada, perdendo a pátria e a noção de ser. Isto é sintomático do sistema vigente na época e de algumas sociedades actuais.

É nessa impossibilidade de vida, nessa ausência de luz que surge o sintomatologista para mostrar vias de fuga e de cura; "Ah/ faça-se luz no meu espírito/ LUZ!/ o meu lugar está marcado/ no campo da luta/ para conquista da vida perdida". Havia escapatória e várias possibilidades que a poesia cria, como afirma Serguilha



(2017), "a poesia nos movimenta num sangramento de perspectivas que laceram o percebido, o experimentado, sim, cria novas possibilidades de existência, produz osmoses de afecções-desviantes que rasgam o mundo com o tempo unido a cada instante".

O poeta, homem formado em medicina, conhece os sintomas do seu povo e desenvolve linhas de fuga para o restabelecimento da liberdade, tornando-se nessa figura incontornável da história literária e política de Angola, definida por Basil Davidson (1979:6) da seguinte maneira: "como porta-voz de um povo que luta pela liberdade, tornou-se figura simultaneamente amada e temida. É amado e temido como chefe de uma luta pelo futuro, luta que tem de ser empreendida por todos os homens de todos os tempos e lugares, e também por todas as mulheres, repelindo o passado e transformando o presente".

CONCLUSÃO

Sintomatologia de acordo com o dicionário da língua portuguesa remete para a análise detalhada dos sintomas de uma doença, para melhor interpretar o que aparece nos exames médicos; no mundo das artes e segundo Roland Barthes é uma análise das definições que são atribuídas às situações sociais tidas como sistemas de significação; estudo das imagens, dos gestos, dos costumes, das tradições etc.

O tema da presente análise "Agostinho Neto: Um sintomatologista de Angola" e a abordagem por nós digladiada, explica e detalha com exemplos, como o homem travestido de poeta foi capaz de radiografar as enfermidades de um povo acometido por um sistema funesto-imoral-asfíxiate, transformando-as em versos que sangram-vivificam até aos nossos dias. São diagnósticos-receitas que nos chegam através da literatura, feitas por um génio-leitor de realidades.

Domingas Monte (Domingas Henriques Monteiro), Mestre em Estudos Literários, Culturais e Intertartes. Docente da Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto. Presidente da Associação Mwelo Weto – Nosso Portal. Escritora e Blogueira.

NETO, Agostinho, Sagrada Esperança, Renúncia Impossível, Amanhecer, União de escritores angolanos, Luanda, 2009.

SANTOS, Oluemi Aparecido dos, "nas sendas da revolução: a poesia de Agostinho Neto e Solano Trindade", dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre, São Paulo, 20019



JOÃO
NGOLA
TRINDADE

Língua, Literatura e Identidade Cultural (2ª Parte)

A abordagem em torno destas e outras questões é tão relevante, porquanto o domínio da língua para todo e qualquer pesquisador permite, entre outros aspectos, que se tenha uma visão endógena, ou que esteja próxima desta, a respeito do povo que é objecto de estudo.

Estas considerações foram feitas por Castro Soromenho que afirma ser impossível compreender o africano fora do seu universo cultural e que este, quando integrado na sua cultura, só pode expressar-se através dos processos formais criados pela história da sua própria cultura.

Durante a sua permanência na Leste de Angola (1928-1933), o escritor-etnógrafo recolheu abundante material que esteve na origem das suas obras, dentre as quais destacamos Noite de Angústia e Homens Sem Caminho, a respeito das quais iremos tecer algumas considerações.

A primeira consideração que temos a fazer diz respeito ao facto de o autor ter recorrido a tradução para que pudesse recolher as narrativas orais que foram vertidas para o papel. Neste sentido, a sua obra é resultado da interpretação das tradições culturais dos Lundas.

É através da língua portuguesa que Castro Soromenho procura “revelar” ao seu mundo (o mundo do homem branco) um outro mundo (o do homem africano), traduzindo as suas vivências numa língua desconhecida pelo sujeito representado na sua obra.

Ora, a tradução é um processo cujo sucesso depende da competência linguística e comunicativa do tradutor. O exercício desta função implica a fluência no uso da língua originária e da língua para a qual se traduz o texto.

No contexto colonial, onde uma minoria insignificante de Africanos fala fluentemente o português, o domínio deficiente desta língua pelo tradutor-informante (“indígena”) condiciona a compreensão sobre a realidade cultural na qual assenta a obra do escritor. Com efeito, as tradições culturais dos Lundas exprimem-se numa língua - o cokwe - desconhecida pelo autor.

Nestas narrativas, situadas no período pré-colonial, porém, escritas no período colonial, verifica-se a descrição superficial, outras vezes inadequada, de alguns fenómenos socioculturais como a mukanda, visto que a definição que nos é apresentada pelo autor se resume a “arte de amar”, ou ainda ao “sacrifício das virgens”, quando sabemos que se trata da iniciação feminina - o processo de preparação da menina para a vida conjugal, sendo a aprendizagem da prática do sexo apenas um dos

ensinamentos transmitidos a menina pela mestra encarregue da realização desta cerimónia.

Em diferentes ocasiões, Castro Soromenho (1965:135, 137, 139-140, 145, 147, 1942: 124, 138) refere-se ao kimbanda, ao thahi e ao feiticeiro como se fossem a mesma entidade. Na cultura Kimbundu, o exercício desta função - a de kimbanda - consiste na identificação das causas das doenças (e de outros males que afligem as pessoas) e no seu tratamento (Ribas 2009:36, 123).

A realização da sessão de adivinhação, que permite identificar a origem dos males, implica o manejo do ngombo - caixa mágica através da qual o kimbanda recebe o oráculo.

Contudo, em virtude do poder punitivo (RIBAS 2009:36) que o kimbanda possui e exerce, quando solicitado por alguém, o povo considera-o de feiticeiro.

O entendimento que Castro Soromenho tem sobre o thahi é de que este seria apenas um adivinho. Deste modo, a função de médico tradicional seria exercida por outra entidade cuja designação está omissa nas duas obras.

Certamente que um leitor atento não ficará indiferente ao deparar-se com palavras como “chota” “melemba”, “Zambi”, “gombo” cuja grafia correcta seria “tchota”, “mulemba”, “Nzambi” e “ngombo”.

Com efeito, a subalternização das línguas nacionais e a sua exclusão do ensino colonial afiguram-se os motivos pelos quais se podem entender os erros ortográficos existentes nestas duas obras, na medida em que a política co-

lonial implantada em Angola visava, de um lado, a difusão da língua portuguesa e, do outro lado, a eliminação das línguas nacionais.

A par do ensino e da religião, a Litera-



É através da língua portuguesa que Castro Soromenho procura “revelar” ao seu mundo (o mundo do homem branco) um outro mundo (o do homem africano), traduzindo as suas vivências numa língua desconhecida pelo sujeito representado na sua obra.



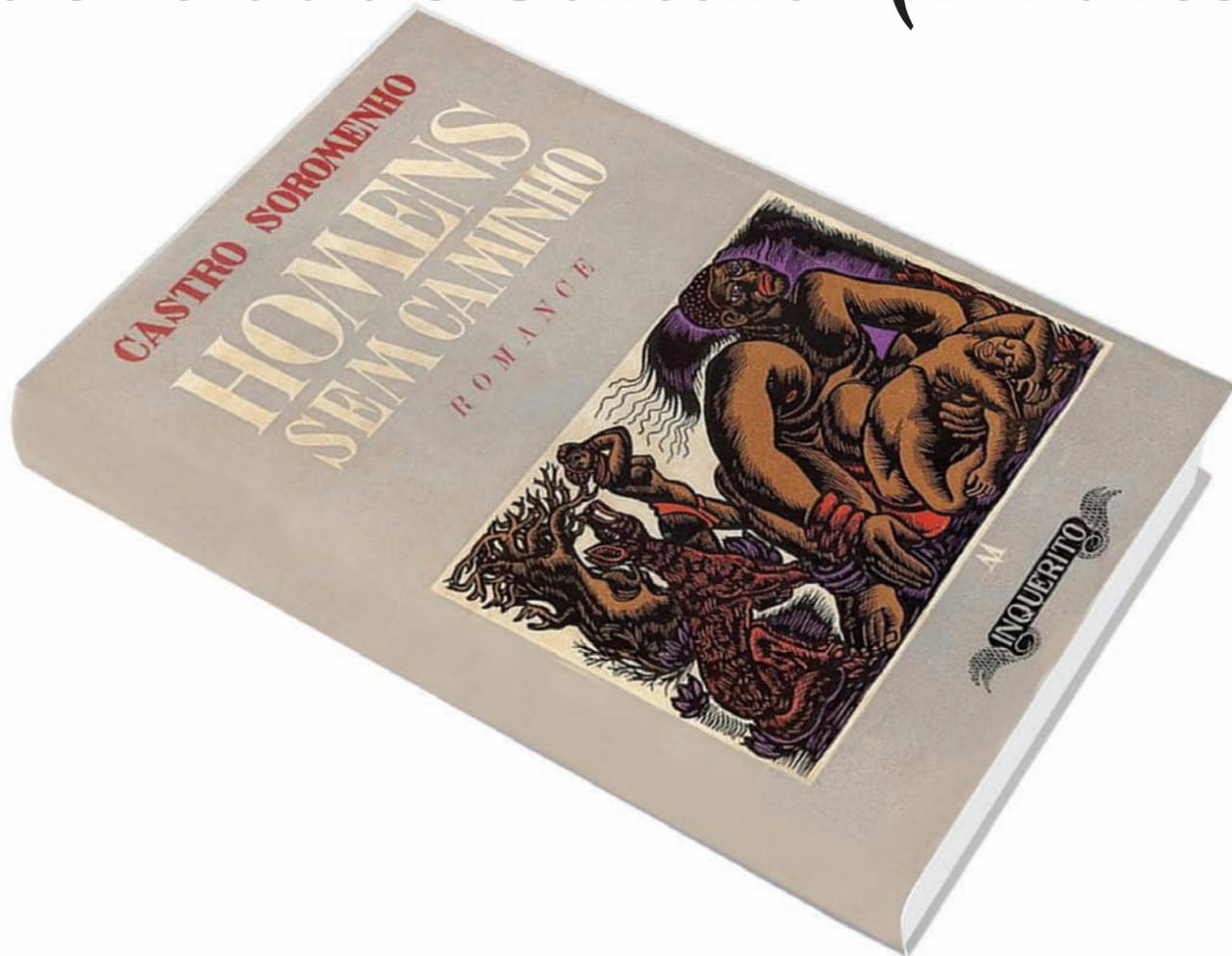
tura seria um dos meios de expansão da língua portuguesa. Castro Soromenho retira desta língua formas de tratamento usadas na Idade Média, como “fidalgo” e “amo”, para referir-se ora aos tubungos, ora aos detentores de escravos numa sociedade onde a condição de escravo era temporária: o indivíduo que não tivesse meios de pagar a dívida liquidava-a, entregando um dos seus familiares ao credor para prestar-lhe serviço durante determinado tempo, findo qual integrava a família do seu patrão

(PEPETELA 2004:83), adquiria bens e exercia funções relevantes, ou regressava a sua família. De acordo com Mário António (1990:504), a transposição de abismos culturais não teve eficácia na obra de Castro Soromenho; as obras em análise destinam-se - e importa dizê-lo novamente - a comunidade literária de que o escritor é originário, com a qual se identifica e partilha a mesma visão sobre o Angolano que, sendo considerado incivilizado, é forçado a adoptar a língua portuguesa de modo a adquirir a cidadania e os direitos inerentes a esta condição.

As consequências da imposição da língua portuguesa e da obrigatoriedade do seu uso pelos Lundas podem ser constatadas em A Chaga onde está patente a falta de concordância entre o sujeito, predicado e o substantivo, bem como a pronúncia incorrecta de palavras nos diálogos que os negros mantêm com os funcionários da Administração Colonial: “é os selvagem, é porco, nosso secretário” (Soromenho 1988:100) (sic).

Convém recordar que o escritor reconhece que o Negro-Africano enraizado na sua cultura só pode exprimir-se “naturalmente através dos processos formais criados pela história da sua própria cultura”. Pelo que a utilização forçada de uma língua produz resultados que muitas vezes não correspondem com os que são esperados.

Na sociedade colonial, os mestiços constituem um estrato social que em virtude da ligação com o pai (branco) tendem a adoptar a sua cultura e o seu modo de falar.



No capítulo IX de A Chaga, o autor introduz um diálogo entre dois mestiços, Benjamim e Severino, em que este critica aquele por falar um "português de escarumba", imperceptível para alguém que tendo sido escolarizado e educado na língua portuguesa pelo seu pai (branco, sublinhe-se) habituou-se a falar e a ouvir "português de branco" – o meio de comunicação que Benjamim usa incorrectamente pelo facto de ter



Entre outros aspectos, civilizar significava ensinar o negro e o mestiço a falar e escrever correctamente a língua portuguesa e fazê-los com que se identificassem com e através desta língua para que pudessem conhecer a Geografia, a História, a Cultura e a Literatura Portuguesa.



tido educado na língua cokwe pela mãe e de não ter estudado (Soromenho 1988:202).

No capítulo anterior, apresenta-se um quadro diferente: Castro Soromenho (1988:152-153) coloca-nos diante de um diálogo onde Domingos (mestiço) é censurado violentamente pelo pai por falar "português de preto".

Domingos justifica o mau uso da língua pelo facto de o cokwe ser a língua com a qual se comunica em casa com a mãe, o irmão e o pai, e que este preferencialmente fala português com outros brancos (Soromenho 152-153).

Evidentemente que falar português era insuficiente para que tanto o negro como o mestiço fossem considerados "assimilados", visto que este estatuto era usufruído apenas pelos indivíduos que falassem "como o branco".

Entre outros aspectos, civilizar significava ensinar o negro e o mestiço a falar e escrever correctamente a língua portuguesa e fazê-los com que se identificassem com e através desta língua para que pudessem conhecer a Geografia, a História, a Cultura e a Literatura Portuguesa.

No contexto histórico e cultural em que as obras de Castro Soromenho foram publicadas, o conceito de Literatura Portuguesa denota hegemonia e ambiguidade, na medida em que o mesmo diz respeito às obras literárias produzidas:

- Na metrópole: centro difusor da língua portuguesa, e, simultaneamente, quadro de referência cultural para os colonos. Não admira então que Vasco Serra tivesse preferência pelas obras da autoria de Eça de Queirós (A Relíquia) e de Camilo em detrimento dos livros sobre África (Soromenho 1988:137-138),

manifestando assim distanciamento (cultural) em relação a este continente; - Nos territórios conquistados pelos Portugueses: fala-se do "espaço lusófono", também denominado "espaço linguístico português", no qual se exerce a



De acordo com Agostinho Neto (1977:19), no passado, a Literatura Angolana mergulhou profundamente na cultura europeia, tendo feito parte da Literatura da Europa e sido expressa apenas numa das línguas



soberania (cultural) por meio da língua portuguesa, excluindo-se deste modo a existência de literaturas africanas visto que os territórios onde elas eram pro-

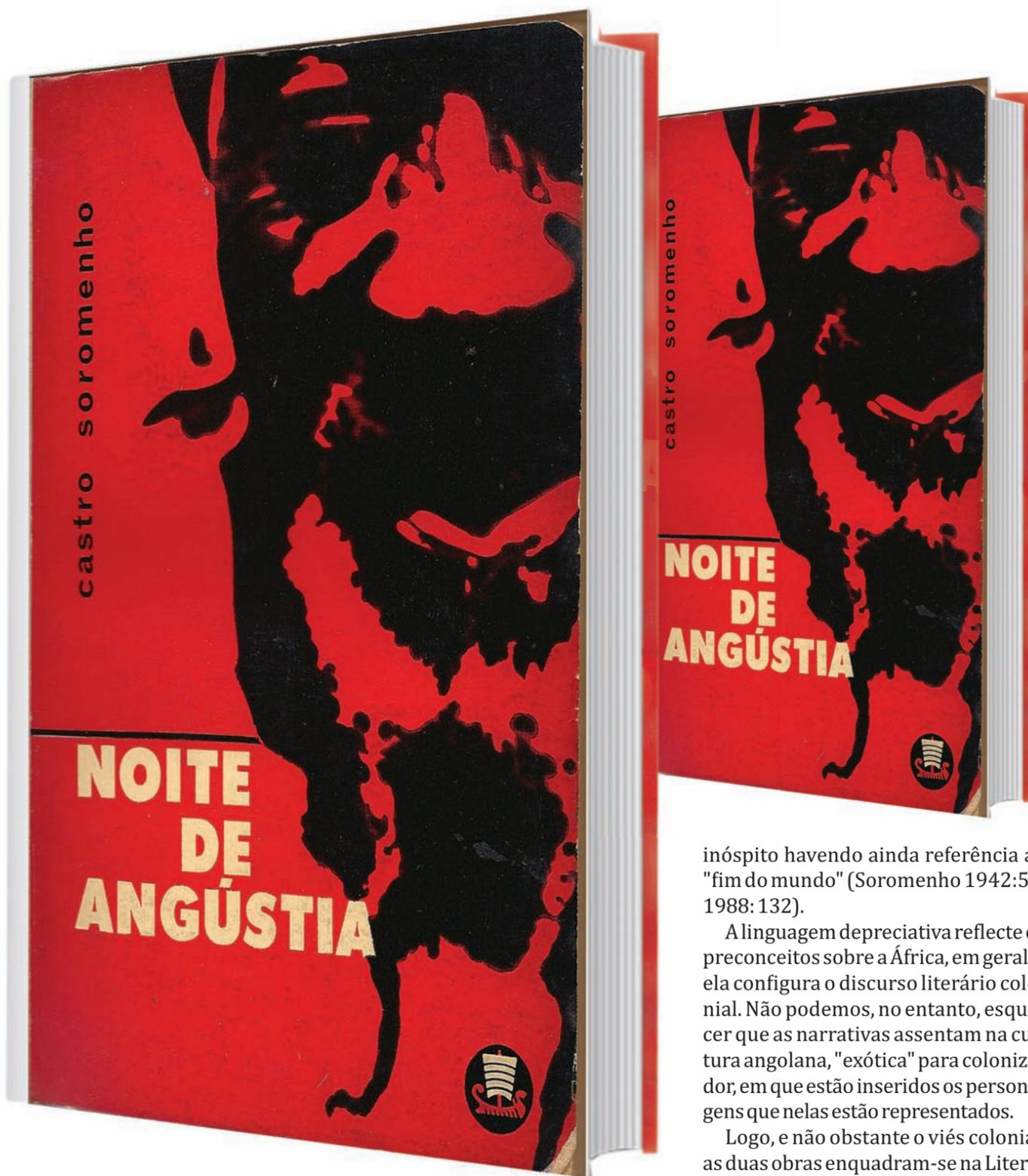
duzidas estavam integrados no mapa político-administrativo de Portugal razão pela qual estas literaturas eram consideradas parte do património cultural português. De acordo com Agostinho Neto (1977:19), no passado, a Literatura Angolana mergulhou profundamente na cultura europeia, tendo feito parte da Literatura da Europa e sido expressa apenas numa das línguas europeias (o português).

O poeta (NETO 1975:28,10,19) chama a atenção para que nunca se esquecesse a forma ultrajante pela qual os intelectuais portugueses trataram o povo angolano, que a sua forma de ser fosse reflectida na literatura e que esta espelhasse a cultura angolana.

Importa referir que a linguagem suporta a ideologia do grupo no qual o indivíduo está inserido, podendo ser considerada um elemento de identidade.

Noite de Angústia e Homens Sem Caminho são, de facto, duas narrativas sobre o "bárbaro" e a "selva".

No primeiro caso, estamos diante do ser incivilizado que só deixará de o ser quando adoptar a língua e a religião do civilizador; o adjectivo (bárbaro) dá conta de um modo de vida de um povo rude, grosseiro (1965:27). No segundo caso, considera-se a Lunda um local



inóspito havendo ainda referência ao "fim do mundo" (Soromenho 1942:53, 1988:132).

A linguagem depreciativa reflecte os preconceitos sobre a África, em geral, e ela configura o discurso literário colonial. Não podemos, no entanto, esquecer que as narrativas assentam na cultura angolana, "exótica" para colonizador, em que estão inseridos os personagens que nelas estão representados.

Logo, e não obstante o viés colonial, as duas obras enquadram-se na Literatura Angolana.

Referências Bibliográficas

GLISSANT, Édouard, *Introdução à Uma Poética da Diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Editora UFJF, Coleção Cultura, v.1, 2005.

KANDJIMBO, Luís, *Apologia de Kalitangi. Ensaio e Crítica*. Luanda:INALD, 1ª edição, 1997.

KEITA, Boubakar, «Língua, Palavra, Identidade e Desenvolvimento». In: *Maka – Revista Angolana de Ciências Sociais*, Outubro de 2011, Vol. 1, Nº.2, pp.119-138.

KWONONOKA, Américo, «Diversidade, Educação e Interculturalidade Como Fundamentos para a Consolidação para a Nação Angolana». In: *MULEMBA – Revista Angolana de Ciências Sociais*. Luanda: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (FCS/UAN), Vol. II, Nº. 3, Maio de 2012, pp. 129-146.

«Sobre a Literatura», 1977. In: *NETO, Agostinho, ... Ainda o Meu Sonho ... (Discursos Sobre a Cultura)*. Luanda: Ministério da Cultura, 2009, pp.13-22.

Disponível desde 15 de Novembro, o artista angolano Sueki apresenta uma exposição individual intitulada “Xibata Já Mundo: As escadas do mundo, uns sobem, outros as descem” ou “As Escadas do Mundo”, no Espaço Luanda Arte (ELA).

Do provérbio em Kimbundo “YA AJI-BANDA, YA AJIKULUMUKA” que quer dizer “as escadas do mundo, uns sobem, outros descem”, este é o ponto de partida para uma mostra que reúne diferentes suportes artísticos: a fotografia, a pintura, colagens e instalações privilegiando materiais de uso quotidiano para uma reflexão crítica sobre as diferenças sociais com foco na terra natal do artista, Angola.



“YA AJIBANDA, YA AJIKULUMUKA” que quer dizer “as escadas do mundo, uns sobem, outros descem”, este é o ponto de partida para uma mostra que reúne diferentes suportes artísticos: a fotografia, a pintura, colagens e instalações privilegiando materiais de uso quotidiano



Sueki é um artista plástico autodidata. Nasceu em 1981, na cidade de Luanda. Entre 1997 e 2000 concluiu o ensino médio em Cape Town, na África do Sul. De 2001 a 2002 estudou designer gráfico na ETIC em Lisboa, Portugal.

Sueki: Exposição Individual

“As Escadas do Mundo” no ELA



CONCEITO DA EXPOSIÇÃO

“XIBATA JÁ MUNDU significa AS ESCADAS DO MUNDO, e é relevante porque serve como ponto de partida para uma análise sobre diferenças sociais dentro de uma sociedade, como tais distâncias entre indivíduos afectam essa mesma sociedade no seu todo. Revelando ou representando visual e conceptualmente as várias faces e vicissitudes desse fenómeno/processo e também as diferenças entre os dois mundos, o de quem está em cima e de quem está em baixo.

De facto, seguindo esse raciocínio, dividi o conjunto das obras, assim como na sua disposição física (dentro do espaço expositivo) em três fases/partes guiando o visitante através dessas fases, de forma ordenada.

Primeira fase: “EM BAIXO”. Há um grupo de obras que serão representativas da fase inferior das “escadas do mundo” e que terão como base/suporte conceptual e também visualmente reproduzido, um provérbio ou citação que faz referência a essa fase.

Segunda fase: “NO MEIO”. Há outro

grupo de obras (sem perder o fio condutor que as ligue às restantes fases) que represente o caminho que se percorre, a luta de quem tenta ascender. Um caminho que tanto nos pode levar ao sucesso (em cima) ou ao fracasso (em baixo).

Por fim, terceira fase: “EM CIMA”. Outro grupo, obviamente seguindo a mesma lógica das outras fases”, explica o artista SUEKI, cujo nome provém de um provérbio kimbundo “NDONGO MUKONGO IA SUEKI”, que quer dizer: “Crocodilo à procura de dias mais brilhantes”.

Sílvio Nascimento apresenta Tellas

Maior plataforma de streaming da CPLP é apresentada oficialmente num evento dedicado a ilustres figuras nacionais



Foi oficialmente apresentada no dia 11 de Janeiro a maior plataforma de streaming da CPLP – Tellas – num evento dedicado a convi-

dados do panorama cinematográfico e cultural nacional. Sílvio Nascimento, actor e produtor angolano com percurso internacional, é o PCA deste projecto inovador e empreendedor que pretende atrair filmes, séries e todo o tipo de conteúdos audiovisuais em todos os países de língua oficial portuguesa.

O evento decorreu no CINEMAX do Xyami Shopping Nova Vida e contou com a presença de diferentes personalidades que apoiam o Tellas e os projectos nacionais. A Tellas é uma plataforma idêntica ao gigante Netflix mas exclusivamente dedicada a conteúdos em língua portuguesa. Na Tellas, o subscritor poderá ter acesso a Filmes, Documentários, Sessões de Stand-Up Comedy, Eventos Live e outros conteúdos que potenciem aquilo que é feito com qualidade em África no geral e em Angola em particular.

Para Sílvio Nascimento, PCA da Tellas, “esta plataforma é uma alavanca importante de comunicação para produtores, realizadores, comediantes e outros agentes ligados à cultura que

têm agora um local para divulgarem os seus trabalhos ao público. Desafio todos os talentos nacionais a enviarem para a Tellas os seus projectos como séries, vídeo-clips, programas de entretenimento, programas informativos ou peças de teatro para que estes cheguem ao maior número de pessoas possível. Do nosso lado, asseguramos a legendagem em diferentes línguas e queremos produtores com talento para se juntarem a nós”.

Actualmente a subscrição à Tellas pode ser feita em www.tellas.ao, estando já a aplicação disponível para Android e IOS. A subscrição tem um custo mensal de 1.000 Akz (mil kwanzas) que poderá ser pago por referência bancária, mas há uma promoção de lançamento válida nos próximos 60 dias para os primeiros aderentes que poderão subscrever o acesso à plataforma gratuitamente.

Os objectivos para 2020 são ambiciosos e Sílvio Nascimento adianta que “em Agosto queremos atingir 1.000.000 de subscritores, o que nos permitirá ga-

nhar mais relevância e tornar-nos mais atractivos a investimentos que podem contribuir para a divulgação do talento cultural nacional”.

Nota do Editor

Streaming é uma tecnologia que envia informações multimédia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas.

Um grande exemplo de streaming é o site Youtube, que utiliza essa tecnologia para transmitir vídeos em tempo real. Em inglês, a palavra stream significa córrego ou riacho, e por isso a palavra streaming remete para o fluxo, sendo que no âmbito da tecnologia, indica um fluxo de dados ou conteúdos multimédia. Muitas pessoas assistem filmes, seriados ou jogos de futebol em streaming.

Na Passagem da Era do Petróleo e do Carvão para a Era das Energias Renováveis



ANTÓNIO
JUSTO

Com 2020 iniciamos um ano redondo de fim de década, o que convida a fazer tentativas de balanço sobre o passado e o que nos espera no futuro.

Como pontos relevantes de referência básica temos a primeira guerra mundial que iniciou o fim das nações na qualidade de potências individuais. Temos o comunismo a tornar-se no elo de ligação e coerência que deu expressão mundial à União Soviética como grande potência que hoje se prolonga na influência ideológica; por outro lado os USA com o capitalismo que deixaram de ser apenas um país para se tornarem na superpotência mundial, a partir da sua intervenção na I e II Guerra mundial. Ficou assim a atuar no subconsciente dos povos e nos bastidores do palco mundial, de um lado, o capitalismo americano e do outro, o socialismo facetado.

A uma Europa enfraquecida pelas guerras e reduzida ao mero âmbito de nações, para poder sobreviver em relação aos USA, à Rússia, às potências surgentes da Ásia só lhe resta a alternativa de se organizar através de convenções e contratos na União Europeia.

À II Guerra Mundial seguiu-se o grande crescimento económico europeu, tendo dado origem ao maior período de paz na História europeia e consequentemente houve um grande desenvolvimento no que se refere aos direitos humanos, responsabilidade social, espírito democrático, liberdade de imprensa e de mercado e à revolução tecnológica em via.

Temos pela frente o grande dilema climático e a necessidade de produção de energia sem base no carvão e no petróleo (grande problema tecnológico a solucionar será o do armazenamento de energia em baterias) para apostar certamente no desenvolvimento e construção de reactores de fusão à base de hidrogénio como os ingleses já procuram fazer.

Como a vida social e política costuma andar atrelada à económica, tudo dá a entender que, no futuro, as zonas geradoras de riqueza e de conflitos passarão do Ocidente para o Oriente, como se observa na afirmação mundial da China em relação aos USA. As tempestades económicas são sempre acompanhadas por devasta-



Energia fóssil

ções sociopolíticas. A destruição do Globo não tem que acontecer, talvez as nossas esperanças se encontram mais flutuantes nesta era muito caracterizada pela mudança e pelo receio do domínio de "dinossauros económico-políticos.

Já não serão as políticas nacionais a determinar o desenvolvimento das regiões, mas sim grandes empresas anónimas (Google, Apple, Facebook, Amazon, Tencent, Alibaba, Visa, AT&T e outros que surgirão, chamarão a si as atenções e os interesses); estas concorrerão entre elas na tentativa de concentração de capitais e de poder ao lado do poder ideológico político na disputa comum pelo domínio das grandes massas.

A inovação tecnológica necessária, se acompanhada por uma cultura do senso comum e da honestidade prometerá um futuro melhor e ainda mais agradável do que o de hoje. Para isso seria necessário que os valores surgidos da civilização judaico-cristã e greco-romana (baseados em relações pessoais humanas) não sejam substituídos por relações individuais baseadas no comercial.

A vida é contínua mudança e a plataforma que lhe dará consistência e sustentabilidade é a fé/esperança que nos acompanha no caminho, não nos deixando ficar sozinhos! Um povo, que não cultive a fé e a esperança, patina em si mesmo e não avança.

A esperança assemelha-se ao nadador que, para se afirmar em frente, se apoia na resistência que lhe oferece a fragilidade da própria água que o sustem.

A atitude da classe política europeia ao transpor para o povo o peso das dívidas e ao reservar para as elites o luxo, fomenta assim a chamada reacção do "populismo" e dos 'coletes amarelos'; estes são muito sensíveis à mudança axial que paira no ar e de que muitos ainda se não deram conta.

O Brexit pode ser interpretado como uma reacção de medo no mesmo contexto e também um sinal da falta de coesão de uma Europa envelhecida incapaz de dar respostas de carácter orientador e de sentido para o tipo de nova sociedade que vai surgindo (O Papa Francisco poderia servir de modelo para o novo homo politicus que urge criar – as peias ideológicas impedem, porém, os políticos de reagir aos

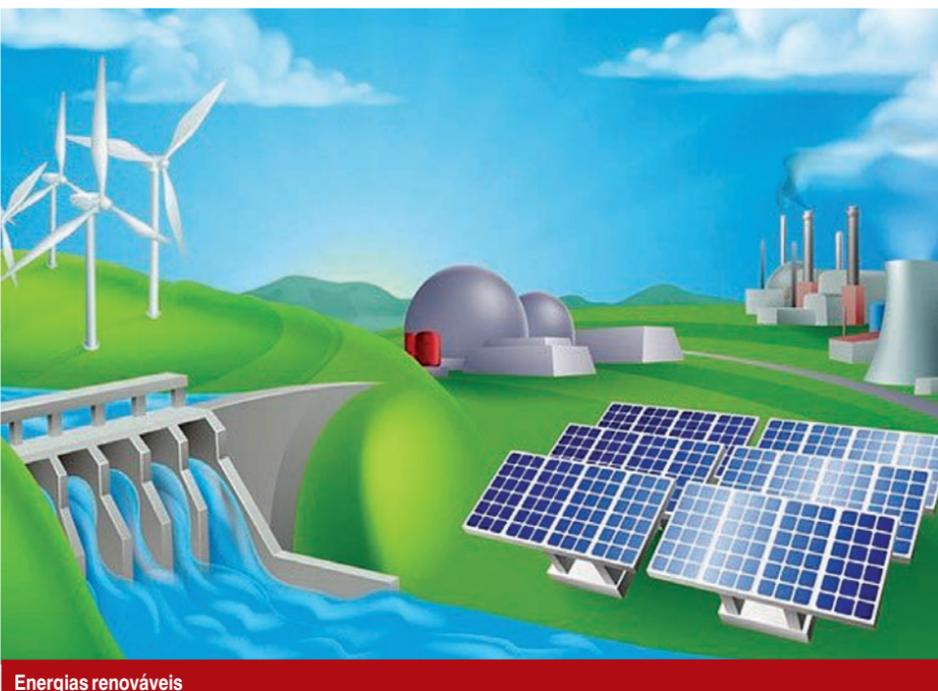
sinais do tempo. A mentalidade extremista e exclusivista de uma esquerda activista e de extremistas da direita mais não são que o fanatismo das antigas guerras de religião só que encoberto com indumentárias de democracia e de luta em nome de algum bem desgarrado.

Pelo seu lado, o mundo do operariado do sector produtivo sente-se inseguro perante a inteligência artificial que o vai arrumando pouco a pouco. O capital que o trabalhador possuía era a energia do seu trabalho sublimada no Dinheiro. Atendendo à dicotomia entre economia produtiva e a economia financeira e correspondente anulação dos juros, desvaloriza-se também a energia laboral do trabalhador em benefício da energia das máquinas e do anónimo. As inovações tecnológicas já se fazem sentir também no clima dos trabalhadores e seus receios em relação ao futuro; cada vez se torna mais seu anseio serem funcionários do aparelho estatal. Por seu lado, as elites já incluem no seu agir a instabilidade social e o incómodo social; elas vão dando um passo de cada vez, tendo abdicado já da História.

Embora a pobreza mundial diminua, nunca houve uma época com tão grandes desigualdades sociais como a de hoje: regentes e oligarquias permitem-se a nível de salários e de gestão da vida (energia desviada) o que não se permitiam reis em relação aos seus súbditos: hoje estamos a ser cada vez mais burilados como massa súbdita e anónima na grande máquina da anonimidade económica e política, que vê o seu trabalho simplificado através do controlo total de tecnologias e cabecilhas.

Estamos a passar do século do petróleo para a era das energias renováveis... O expansionismo económico chinês em rivalidade com o americano obrigar-nos-á, pouco a pouco, a desquitarmo-nos do domínio americano e também de muitos dos valores da sociedade ocidental. A não ser que o poder asiático se torne tão forte que provoque a união dos povos do ocidente com a Rússia.

Por enquanto a sociedade ocidental encontra-se numa fase de desconstrução não só por fraqueza própria, mas pela concorrência de novos protagonistas mundiais e por interesses estratégicos da ONU, interessada em desvalorizar a influência cristã no mundo no sentido de adquirir o controlo total sobre as sociedades para ir substituindo a concepção cristã da pessoa pela de indivíduo da China (relação mais de serviço. Se olharmos para os dados estatísticos do desenvolvimento económico dos países neste século, será de esperar que depois dos anos 70 já não será relevante a problemática política e económica entre a China e os USA, mas sim entre a China e outros países asiáticos.



Energias renováveis



ELIZÂNELA RITA

A era da conexão

Estamos na era das redes. As conexões sociais, que sempre caracterizaram os seres humanos, e distinguiram da maioria dos demais animais, estão cada vez mais em voga. A humanidade está a sair de um período longo de separação e culto do individualismo, de sistemas políticos focados na produção, na força, na energia masculina de dominação.

A história do homem moderno, talvez, desde o início do primeiro milênio, é caracterizada pelas invasões entre povos, as grandes guerras de expansão de território, organização das sociedades ocidentais modernas e sistemas políticos de dominação em massa, passando pelas invasões europeias e exploração de África e América, culminando na era da energia e da aceleração (desde o Sec. XVIII). Este período escuro da nossa existência humana acarretou consigo uma série de características únicas na história, como a criação das nações e mais recentemente a criação de sistemas políticos como totalitarismos, o desenvolvimento da economia de produção marxista, que evoluiu para uma de ainda mais produção, mas ainda mais individualista que chamamos de capitalismo. Este período da humanidade pode ser considerado o mais impactante na nossa existência, já que por um lado englobou as grandes revoluções europeias, formando as potências ocidentais como a França, Inglaterra, e os EUA, que largamente definem a política global, e por outro albergou duas guerras mundiais e a mancha mais suja da humanidade: o tráfico de seres humanos e sua escravização.

O mundo e os homens nunca mais foram os mesmos. O ser humano dito "moderno" passou, desde então a desenraizar-se de tudo o que lhe lembrava da sua integração à natureza. Seja na sua alimentação, indumentária, desenvolvimento científico ou estrutura social. Em tudo passamos a almejar o artificial como alvo. Criamos metas e indicadores de sucesso baseados na produção e exploração intelectual. Isso ficou claro, por exemplo, no desenvolvimento de profissões que sustentam as sociedades ocidentais, que primam todas pelo estudo acadêmico e aprofundamento científico, mas da ciência conforme desenvolvida nos últimos séculos, deixando de parte todas as ciências exóticas e de natureza espiritual ou cuja percepção tenha escapado a compreensão dos grandes pensadores e investigadores europeus e norte americanos. Se Freud não explicou, não é psicanálise. Se Sócrates não escreveu, não é psicologia. Se Newton não percebeu, não existe. Se Darwin não teorizou, é mentira. E assim seguimos. Porém, não podemos condenar os pesquisadores ocidentais

pelos seus trabalhos, até porque é graças aos mesmos que hoje temos os avanços científicos que temos. Mas devemos reconhecer que estes desenvolvimentos foram em maioria baseados numa só perspectiva: ocidental. A ciência moderna colocou de parte a ciência milenar, os ensinamentos da natureza com os quais os humanos sempre trabalharam. A medicina cresceu para tratar sintomas e pouco desvendou os mistérios da mente, pouco explica a origem dos sentimentos ou a relação da fé com a cura. A física como a conhecemos só recentemente começa a desenvolver o ramo quântico, e cada vez mais, cientistas admitem não conhecer a verdade de todas as coisas, e, religiosidades à parte, fica cada vez mais claro que enquanto não conhecermos o verdadeiro e completo potencial da mente humana, ou da origem do universo, não podemos afirmar domínio da ciência da nossa existência.

A boa nova é que estamos a mudar o paradigma. Cada vez tornam-se mais presentes movimentos de cultivo à espiritualidade à margem das instituídas religiões (movimento pronunciado mais desde os anos 60). Aos poucos vai surgindo uma consciência de conectividade à natureza e necessidade de cuidar dela. Pode ser que esta preocupação súbita esteja a surgir do típico egoísmo humano, por agora nos depararmos com as ameaças ambientais que comprometem a nossa própria existência. Talvez a falta de alternativas e a suposta eminência de extinção da espécie gerada pelos avanços tecnológicos e demandas das sociedades modernas, esteja a causar finalmente esse despertar pela colectividade. Ou talvez não.

O certo é que o paradigma individualista e super-humanista parece estar em extinção. As sociedades ocidentais estão finalmente a perceber o que os orientais e antigos africanos e nativos americanos já defendiam: a sobrevivência do indivíduo depende da sobrevivência do seu grupo. A busca da espiritualidade, a popularização de práticas que no oriente já são seculares como o yoga, meditação, a compreensão da ancestralidade e do poder dos laços culturais e do impacto na sobrevivência humana, estão (finalmente) na agenda do ocidente. E como o mundo é dominado pelas sociedades ocidentais, infelizmente só quando as potências subscrevem a um conceito é que o mesmo passa ser tido como verdade absoluta. Só quando no ocidente o vegetarianismo e veganismo passaram à moda, é que passaram a ser verdades supra-máximas do ser

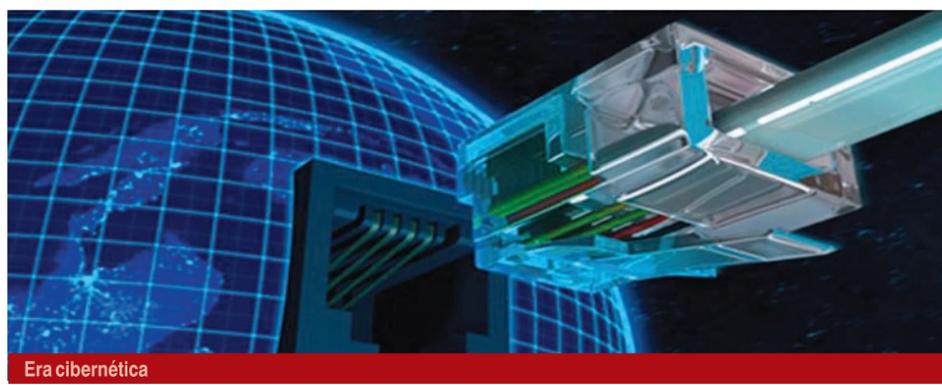
humano consciente. Antes disso era primitivo só comer da terra, não ter restaurantes fast-food, comer com as mãos, poupar água ou não utilizar plástico ou reciclar os restos de comida. Agora acompanhamos as tendências de moda voltarem-se para o natural e orgânico, tal qual já se fazia em África, na Ásia e América antes das invasões europeias. E pior, só agora, que temos o selo de aprovação ocidental, é que nós africanos, em particular estamos a aprender a voltar às nossas origens. Foi preciso acontecer a mudança de mentalidades no ocidente por exemplo sobre o uso de químicos no cabelo e no corpo para as mulheres africanas passarem a cultivar a sua beleza natural. Foi preciso as grandes corporações encontrarem a margem de lucro e venderem estas teorias como apetecíveis e válidas, para que fossem aceites por todos. Repito, não que seja culpa nossa, foram séculos de condicionamento e imposição (literalmente na base do chicote) dos padrões de beleza e de aprovação social. Mas devemos reconhecer que precisamos sempre da validação ocidental para ousarmos ser.

A mudança no sistema mundial, a nova ordem mundial, que já foi o domínio pelas instituições e grandes nações passando para o domínio pelas grandes corporações, passa agora para o domínio do povo, dos detentores de conhecimento, dos ousados, dos desbravadores independentes, dos empreendedores, dos anti-sistema. Vimos acontecer quase que um combate cerrado às instituições e governos. A economia está em reformulação. Cada vez menos o poder esta concentrado no poder político. O poder pertence a quem tem o poder financeiro, e o poder financeiro vai se desligando cada vez mais do poder hierárquico. Sentimos uma verdadeira democratização do poder, por exemplo, na criação de criptomoedas que inventaram todo um sistema financeiro de blockchain. Nunca se poderia imaginar na década de 80 com a invenção da internet, que hoje, cerca de 3,9 biliões de estão online, o que quer dizer que mais de metade da população mundial está conectada. E é sobre essa plataforma comum de sinopses híper-rápidas que a economia global se tem sustentado.

À margem do sistema institucional, onde algoritmos dominados por hackers (outrora cidadãos à margem do padrão de intelectuais donos e senhores do saber) decidem o valor dos produtos. Outro exemplo são os e-negócios que criam milionários a partir de telemóveis

e bloggers formadores de opinião capazes de movimentar uma multidão com uma postagem nas redes sociais.

Ainda outro exemplo é a perda do poder da comunicação social formal. Os órgãos de imprensa dominados pelos governos e corporações estão com cada vez menos influencia. O domínio das redes sociais é tão imparável que os alguns governos optam por limitar o uso de internet ou redes sociais e outros passaram a integrá-las na sua forma de governar, seguindo a teoria de que se não consegue combater, junta-te a elas. Na era do fake news, está mais claro que jornais impressos não são mais detentores do conhecimento da verdade, e que o whatsapp torna qualquer suspeita em sentença. O poder está a escorregar das garras dominadoras das instituições e a nova ordem mundial segue no empoderamento daqueles que sabem navegar o informal, o casual e o digital. As pessoas mais ricas do mundo, são empreendedores, que em grande número não concluíram o ensino superior ou não se afiliaram a uma grande instituição ou corporação para fazerem a sua fortuna. As grandes instituições, governos e corporações já se aperceberam disso, e a prova são as alianças entre o poder político e a camada empresarial. A eleição de empresários para presidência de repúblicas, o quase pânico de empresas multinacionais diante do crescimento e alcance dos negócios online nas telecomunicações, por exemplo o caso das grandes cadeias de hotéis diante da aplicação de intermediação de alojamento AirBnB. O poder vai de volta às mãos do povo, mas só à secção do povo que já se apercebeu disso. Em função dessa mudança, surgem novas ideologias voltadas à preservação ambiental, integração humana na natureza, desenvolvimento das ciências exóticas e holísticas, propagação da economia voltada à alimentação saudável, curas naturais/medicina e terapias holísticas e criação artística e livre de padrões. O empreendedor substituiu o funcionário: As formas de financiamento alternativo com aplicações de telefones para a permuta, pagamentos e economia colaborativa só não substituíram os bancos ainda por extrema força política e lobbies; O hacker substituiu o CEO; não existem mais donos de verdades absolutas, tudo é questionável e contornável. Na era da informação digital, o conhecimento é livre e acessível. As religiões têm de se reinventar, pois já não são os sacerdotes os donos da palavra da salvação. A salvação está na ponta de um dedo, mas só se irá salvar quem estiver disposto a mudar com a mudança dos tempos. Temos estado a entrar para a era da conexão. Era esta onde as civilizações orientais, africanas e nativas americanas já se encontravam, mas que foram postas de parte e extintas por falta de compreensão pelos povos dominantes, os ocidentais. Falamos aqui de conexão inter-humana, conexão de tecnologias e comunicação e conexão com a natureza. Feliz mas tardiamente, o conceito de conectividade e coexistência está a ser aceite e subscrito pelo ocidente e por este motivo o resto do mundo está a seguir.



Era cibernética

No ano passado, decorreu em Luanda uma semana de eventos, intitulada "O museu é vosso! Um olhar para o futuro do Museu Nacional de Antropologia": para além de um dia com acções especiais, da apresentação dos vídeos, da exposição das propostas de estudantes de arquitectura para o futuro café do museu, da apresentação da nova página web do museu e várias actividades para os visitantes do museu, adultos e crianças, realizaram-se dois debates, intitulados "Oficina do Futuro", e "Nossos Objectos – Nossas Histórias".

No dia 10 de Dezembro de 2018, a fundação cultural prussiana "Stiftung Preußischer Kulturbesitz", representada pelo seu Presidente, Hermann Parzinger, a Direcção Nacional dos Museus da República de Angola, representada pelo seu director, Ziva Domingos, e o Goethe-Institut, representado pelo director para a região da Africa-Subsaariana, Norbert Spitz, assinaram em Luanda um Memorandum of Understanding sobre a colaboração de longo prazo a realizar entre o Goethe-Institut Angola com o Museu Nacional de Antropologia e o Museu de Etnologia de Berlim.

Por ser pensada e planeada logo de início por todos os parceiros e ter objectivos muito concretos, esta colaboração tem um carácter muito especial. Durante um workshop realizado pelo Goethe-Institut, em Novembro de 2018, e em que os colaboradores e as colaboradoras da Direcção Nacional dos Museus de Angola e do Museu Nacional de Antropologia foram convidados para ir a Berlim, estes colegas angolanos e angolanas conheceram a colecção berlinense, informaram-se sobre a sua história, visitaram o acervo e as oficinas de restauração do Museu de Etnologia e vários outros Museus de Berlim, concretizando por fim em conjunto um plano de acção para os próximos três anos. Os campos de trabalho definidos foram a pesquisa da história da colecção em Luanda e em Berlim, a restauração, a gestão e infra-estrutura, a divulgação cultural e a formação.

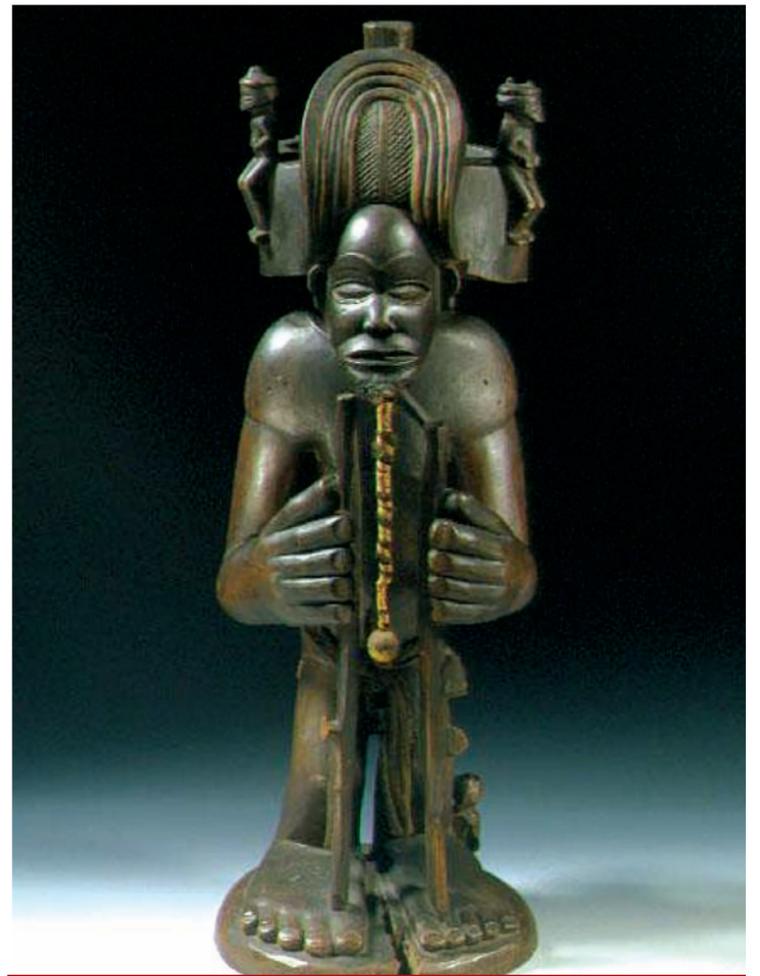
Desde Dezembro de 2018 todos os parceiros trabalharam em estreita colaboração num ambiente de confiança, de que fazem parte sessões de trabalho semanais em Luanda e conferências por Skype entre Berlim e Luanda.

O primeiro ano de trabalho em colaboração foi constituído por diversos sub-projetos:

1. A compra de literatura especializada em falta na biblioteca do museu: pretende-se comprar regularmente novas obras literárias para esta biblioteca especializada tão importante na paisagem cultural e científica da capital angolana. O financiamento do Goethe-Institut já permitiu a compra de 33 obras especializadas. Em Julho, o Presidente do Conselho de Estado alemão (Bundesratspräsident) Daniel Günther, durante a sua viagem a Angola, entregou as obras oficialmente, em nome do Goethe-Institut e no âmbito da recepção dada no Museu Nacional de Antropologia, à Ministra da Cultura de Angola, Maria da Piedade de Jesus. Na pre-



A missão no Kongo



A missão no Kongo

O Museu Nacional de Antropologia no Terceiro Milénio

Entre os anos 30 e 50 do século 20, durante o colonialismo, surgiram as colecções para o actual Museu de Etnologia de Berlim e para o Museu do Dundo no noroeste de Angola, cujos objectos compõem grande parte do acervo museológico do Museu Nacional de Antropologia (MNA) em Luanda. Os responsáveis destas entidades mantiveram um contacto estreito e marcaram decididamente a percepção sobre a arte dos Cokwe em representação da arte nacional angolana.

sença do Presidente Parlamentar angolano, vários membros do Governo e representantes da imprensa angolana e alemã o Presidente Günther salientou a importância da cooperação destas três instituições para as relações entre Angola e Alemanha.

2. A tradução do Alemão para o Português de um estudo científico de Beatrix Heintze, aluna de Hermann Baumann, sobre as colecções etnográficas de Angola realizadas por exploradores alemães dos séculos 19 e 20.

3. A entrega e tradução do registo completo da colecção angolana de Berlim ao Museu Nacional de Antropologia.

4. A elaboração de um parecer sobre as obras necessárias no edifício do Museu Nacional de Antropologia. Actualmente, as salas de exposição encontram-se num estado tão deteriorado, que metade destas salas estão encerradas. Foi elaborado um parecer por uma empresa alemã com actividade em Angola e a cargo desta sobre as necessidades de obras para uma possível renovação, para as quais já foi possível encontrar patrocinadores.

5. O apoio da exposição temporária "Ritos da Mulher", que tem como tema as fases da vida tradicional e os respectivos rituais. Esta exposição foi aberta ao público no dia 1 Abril 2019 no Museu Nacional de Antropologia e está patente até ao dia 15

de Setembro. Até agora teve 11.662 visitantes, principalmente de escolas.

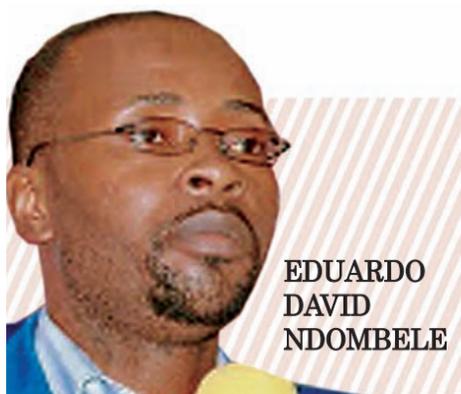
6. Todas as acções no âmbito da cooperação entre os museus foram amplamente divulgadas. Esse trabalho de relações públicas garantiu uma boa presença na imprensa angolana e alemã, e também nos média sociais. Volker Heise, realizador e produtor berlinense e galardoado com um Grimme-Preis, está deste o início do ano de 2019 a trabalhar numa reportagem televisiva de 30 minutos sobre a cooperação museológica e também num filme para o programa "Titel Thesen Temperamente", bem como num Podcast para as emisoras Radio Eins e RBB. Estes programas pretendem ser estreados com a abertura do Humboldt-Forum.

7. A realização de um workshop intitulado "Conservação e Restauração", a ter lugar no Museu Nacional de Antropologia. A restauradora berlinense Eva Ritz, em Maio, realizou um workshop de uma semana nas futuras instalações para a oficina de restauração do museu. Como o Museu Nacional de Antropologia actualmente não tem um departamento de restauração nem pessoal com formação na área, havia urgência na realização de um workshop nestas matérias. Eva Ritz está ao corrente das necessidades do Museu e das necessidades de formação dos partici-

pantes por ser responsável pela conservação da colecção africana do Museu de Etnologia de Berlim.

8. A produção de 5 filmes para a exposição permanente do Museu Nacional de Antropologia em Luanda e do Museu de Etnologia de Berlim/Humboldt-Forum: em cinco pequenos filmes e através de entrevistas com membros das comunidades é apresentada a história de cinco objectos da exposição, explicando o seu valor simbólico e o seu papel nos ritos, bem como a sua ligação actual à sociedade angolana. Foram escolhidos cinco objectos das colecções de Berlim e de Luanda. De três destes existem exemplares semelhantes em outros museus, e apontam por isso as características comuns das respectivas colecções; os outros dois objectos diferenciam as colecções, dando relevo à individualidade das colecções apresentadas. Os vídeos foram filmados durante o mês de Julho em várias localidades em Angola e em Berlim, e estão na fase final de produção e foram apresentados pela primeira vez em Novembro, no Museu de Antropologia, no âmbito de uma semana com vários eventos. Depois, passarão a estar integrados nas duas exposições permanentes. No Humboldt Forum estarão disponíveis nos apresentadores de média.

Contraste linguístico: kikonguismo nos falantes de português língua não materna



EDUARDO
DAVID
NDOMBELE

Em Angola, a língua portuguesa foi instituída como língua oficial após a conquista da Independência nacional em 11 de novembro de 1975. A língua portuguesa vive em regime de coabitação com outras línguas angolanas ditas nacionais maioritariamente de origem bantu. Fruto desta coexistência as interferências linguísticas são inevitáveis para os falantes que tem o português como língua segunda. Tal facto tem constituído um sério problema no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa na província do Uíge em particular e em geral em Angola. Impõe-se que os professores da região e não só possam dispor de informações que lhes permitam distinguir nas produções dos seus alunos o que são desvios, portanto o que é tolerável, e como tal pode ser aceite como marca específica da identidade linguística do falante.

Entretanto, é comum no nosso dia-a-dia ouvirmos, nos falantes de Português Língua Não Materna e, particularmente, no contexto escolar, alunos a perguntarem: professor, esta palavra escreve-se com “u aberto” ou com “u fechado”; com “z” ou com “s”; outros ainda a falarem: “sou o primeiro filho de rapaz dos meus pais”; “a Balbina é a nossa única irmã da mulher”; “avô do homem/avó da mulher”; o Otniel “comeu” todo o meu dinheiro... Portanto, analisando estas e outras questões, relativamente a estes falantes, entendemos que este facto tem ocorrido por haver uma coexistência da língua portuguesa com a língua kikongo e de um modo geral com as línguas angolanas de origem africana, o que faz com que os mesmos realizem, intuitivamente, uma tradução directa da sua língua

local para a portuguesa

Contraste é um fenómeno de diferenciação profunda entre línguas ou oposição entre ambas. Estas diferenças são relacionadas nas suas estruturas apresentadas, isto é, fonológica, morfosintática e semântica, tendo a realidade linguística bilingue, onde coabita o kikongo e português, ambas vão contrastando nas suas estruturas já referenciadas.

O primeiro contraste a destacar consiste nos seus sistemas alfabéticos entre kikongo e Português. Lendo em Quiala, M.B. (2013p. 20) encontramos que «o kikongo tem 20 grafemas/letras que são: a-b-d-e-f-i-k-l-m-n-ng-o-p-s-t-u-v-w-y-z. A pronúncia deste alfabeto: a-bê-e-fê-i-kê-lê-mê-nê-ngê-o-pê-sê-tê-u-vê-wê-yê-zê. Este alfabeto tem 13 consoantes, b-d-f-k-l-m-n-ng-p-s-t-v-z, cinco vogais, a-e-i-o-ue duas semivogais, w-y, que têm comportamento morfológico de consoantes».

Exemplo: wantu (pessoas), yeto (pronome pessoal da terceira pessoa do plural e no singular mono). O autor em referência defende que além de cinco vogais e duas simivogais, comporta também dez vogais que ele considera ter cinco breves e outras cinco longas, e as breves são as que já mencionamos (a-e-i-o-u). As longas são: aa-ee-ii-oo-uu. Eis alguns exemplos: nkaka (animal), nkaaka (avô/avó), yala (estender), yaala (governar), yela (encher), yeela (adoecer) (op. cit).

O português comporta 26 grafemas: a-b-c-d-e-f-g-h-i-j-k-l-m-n-o-p-q-r-s-t-u-v-x-y-z. A pronúncia deste alfabeto é: á-bê-cê-dê-é-efe-gê-agá-i-jota-capá/cá-ele-eme-ene-ó-pê-quê-erre-esse-tê-u-v-dablio/vê dobrado-xis-ípsilon-zê».

Como podemos observar, o alfabeto kikongo não tem as letras c-h-j-q-r e x. Assim, concluímos que estes dois sistemas alfabéticos, embora possuir a mesma origem, porém divergem em número de grafemas e, por vezes no plano fonético-fonológico. O conceituado Linguista angolano Manuel Quivuna chama a atenção para a necessidade de compreendermos que o aluno de português língua não materna é detentor de uma língua com uma estrutura morfosintática devidamente organizada, mas diferente, como é o caso do kikongo. Em certa medida, o aluno não conhecendo a unidade lexical específica para realizar uma determinada comu-

nicação (oral ou escrita), pode recorrer à sua língua materna para se libertar desse impasse comunicativo. Por exemplo o verbo comer (dya) em kikongo, é polissémico, isto é, a par do significado que tem de tomar alguma coisa como alimento pode reenviar para outras polissemias de extensão semântica: benefício (1), desperdício de tempo (2), tirar magicamente a vida de alguém (3), sofrer/cobra uma multa:

1. Desde que foste promovido jamais comi o teu dinheiro.
2. Comeste muito tempo para terminares este exercício
3. Foi ele quem comeu a nossa mãe
4. Comeram-lhe uma grande multa pelo crime que cometeu.

SISTEMA ALFABÉTICO KIKONGO

No entanto, há alguns autores que defendem que o alfabeto kikongo contém 22 letras, enquadrando o c e h. Porém, nós consideramos os depoimentos dos autores acima epigrafados.

O j não figura no sistema alfabético kikongo, enquanto em português temos os segmentos j-ej-i que vão formando os sons ou sílabas je e ji. em kikongo, por não existir este som, o seu sistema alfabético usa o ze e zi. o mesmo acontece com a letra g que em todos os casos, isto é, antes de qualquer vogal tem sempre a pronúncia de guê. Em nosso entender aqui reside a incongruência na pronúncia de muitas palavras dos falantes do português língua não materna (L.N.M), como nas palavras, energia (zia), (zi) ginguba) biologia (zia).

O q nesta língua é substituído por fonema k, exemplo: nkentu (mulher). De igual modo, o r em kikongo não existe, recorre-se ao grafema l para substituí-lo. Esta realidade é facilmente detetada em alguns vocábulos de português kikonguizados. Exemplo: carro (viatura em português) em kikongo calu, o mesmo acontece também, nos nomes próprios como, Pedro para Petelu/Mpetulu (cf. Mudiambo, M. 2014).



||
O facto do kikongo e português serem línguas de origens e estruturas funcionais diferentes os alunos deparam-se com imensas dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa em quase todas estruturas (fonético-fonológica, morfosintática e semântica).

||
Em kikongo, a letra x é representada por s casi em vez de caixa e s em todos os contextos, isto é, quer que esteja em posição intervocálica ou não: Makiese, Masala, o s em kikongo não se dobra, ao passo que em português este mesmo fonema além de ter o valor fonológico

de se, também tem o som de z entre vogais exemplo: casa, asa, camisa etc. Neste contexto se houver s que têm valor fonológico de (se) intervocálico é obrigatório dobrar (ss) exemplo: passo, classe, massa, girassol, etc.

No campo sintático, partimos das seguintes frases:

1. Português: As meninas foram ao rio;
2. Kikongo: anaakentu elekukoko.

Aqui encontramos estruturas diferentes no artigo definido feminino do plural apresentado em português. Em kikongo, o género é determinado antepondo a palavra yakala e n'kentu, como acontece em português nos nomes epicenos recorrendo às palavras macho e fêmea: mwana yakala, mwana n'kentu (português filho/filha). Pois, a formação do plural em português é sufixal, recorrendo ao morfema preso/conjuntural (s), ao passo que em kikongo é prefixal recorrendo ao prefixo substantival mais o radical. Exemplo: menina singular meninas plural (português); e em kikongo mwana n'kentu (singular), ana akentu (plural), como defende QUIVUNA, M. (2014p.138): que em kikongo o nome apresenta a seguinte estrutura: PS+Radical (prefixo substantival e radical). Ao radical é associado a um morfema desempenhando a função flexional, isto é, caracterizando o nome em número (singular e plural). Este morfema é designado prefixo. Este prefixo permitirá a inserção do nome na respectiva classe a que pertence. É, portanto o prefixo de base».

POLISSEMIA

Entre os distintos factores que influenciam na interferência linguística, em primeiro plano destaca-se a língua materna (LM) ou língua primeira.

O facto do kikongo e português serem línguas de origens e estruturas funcionais diferentes os alunos deparam-se com imensas dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa em quase todas estruturas (fonético-fonológica, morfossintática e semântica).

Na área fonético-fonológica, como já referenciámos nos itens precedentes, através dos grafemas que não existem em kikongo (c, h, j, q, r, x) os aprendentes encontram muitos impasses quando pretendem comunicar-se e, como solução, procuram transferir a maneira como se fala ou se escreve na sua língua materna para português o que resulta em determinados erros. O j, por exemplo, é um dos factores deste estudo. Este grafema provoca interfências em oposição ao grafema z. Na palavra jiboia, a tendência do falante do português língua não materna (PLNM) é pronunciar-se ziboia, por carência desta letra j no seu sistema alfabético.

Na área sintática ocorrem desvios de várias ordens, do mesmo modo, se uma forma verbal conjugada pronominalmente, para o kikongo, o pronome é sempre proclítico este fenómeno é transportado para o português.

Exemplo: Vou me lavar. O pronome reflexo "me" para o utente do kikongo aparece antes do verbo (posicionamento proclítico): Ngiele kudisukala. oku em Kikongo é o pronome pessoal átono que é colocado sempre em posi-



A questão em análise resulta das dificuldades que os falantes de português língua segunda encontram no dia-a-dia das suas aprendizagens em contexto escolar e não só. Pois, o kikongo é uma língua organizada com estruturas léxicos semânticas diferentes que estão em estreita interpenetração com o português.



ção pré-verbal. Ao passo que em português seria: vou lavar-me, o pronome reflexo ou átono me aparece depois do verbo (enclítico).

No contexto semântico comungamos a ideia de Quivuna, M. (2014a:117) quando se refere que "Semanticamente, alguns vocábulos do kikongo (sobretudo os verbos), têm provocado muita confusão para os alunos de português língua segunda (PLS), A multiplicidade de polissemia que um mesmo vocábulo tem em kikongo, é transportada para o português, afectando assim a boa comunicação. Por exemplo, o verbo comer significa tomar alguma coisa como alimento. Mas, em kikongo, esta unidade lexical apresenta uma extensão de sentidos: gastar, desperdício de tempo, benefício, tirar a vida magicamente, multar. Em todas as circunstâncias em que o verbo comer é utilizado por utente do kikongo, o seu uso torna-se confuso e ambíguo, pois o indivíduo, não tendo uma grande competência lexical, acabará por empregar o único sentido de tomar algo como alimento."

Nesta conformidade os falantes de português língua não materna, ao encontrarem-se com uma realidade linguística diferente da sua língua, enfrentam imensos problemas em termos comunicativos e, como solução, recorrem, muitas vezes, aos padrões do seu idioma materno.

CONCLUSÃO

Toda língua sofre mudança ao longo dos tempos, variações e influências em vários domínios como: fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, criando um certo desvio as normas gramaticais. Todos estes factores criam incoerências tanto na fala como na grafia, criando no aluno um baixo desenvolvimento vocabular. O bom uso da língua depende da criatividade do falante.

A língua portuguesa, como estatuto de língua oficial, exerce um papel plurifuncional, de uso nos domínios da vida socioeconómica e política, bem como cultural e veicular no país, pois, permite a comunicação entre os vários gru-

pos etnolinguísticos, contudo é preciso lembrar aqui que a língua portuguesa não conseguiu estabelecer-se em todo território nacional, apesar dos 500 anos de permanência da administração colonial em Angola, a inserção do português foi mais notável nas zonas urbanas como resultado constata-se que e aliás com um sentimento elevado de patriotismo que muitos angolanos têm o português como língua segunda.

A questão em análise resulta das dificuldades que os falantes de português língua segunda encontram no dia-a-dia das suas aprendizagens em contexto escolar e não só. Pois, o kikongo é uma língua organizada com estruturas léxicos semânticas diferentes que estão em estreita interpenetração com o português. A situação é complexa e tem provocado, muitas vezes, dificuldades de várias ordens, quer no plano da escrita quer no plano da oralidade, caracterizadas pelas traduções literais

de certos enunciados e algumas pronúncias que se têm como consequência o emprego inadequado de determinados grafemas, como é o caso de z, g, j, s, ss, c, ç, o, u, a maioria das crianças, especialmente as das zonas rurais e fronteiriças de Angola aprendem a língua portuguesa quando entram na escola.

Referências bibliográficas

CASANOVA, Isabel. *Dicionário terminológico Compreender a TLEBS*, Lisboa Plátano editor. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Portugal, Porto Editora. 2010.

MUDIAMBO, Quibongue. *Estudos Linguística sobre a Lexicologia e a Lexicografia*, 2014

QUIALA, Miguel Barbosa. *Longokikongo, Angola, Mayamba Editora*.

QUIVUNA, Manuel. *O Ensino de Português Em Contexto Bilingue/ Plurilingue Angolano*, 2014





FRANCISCO NETO

Sob um sol candengue na idade, mas já muito feroz no agir, cheguei ao Quadrado. Lá, debaixo do alpendre, no velho sofá castanho, estavam anichados três convivas. Os outros dois estavam de pé. Abeirado deles, estes meteram parança no paleio que travavam e receberam-me com alegria. O Avô Zé, com quem firmara compromisso na noite transacta, assomou pela porta. Trajava uns calções preto, daqueles que as vendedeiras dos mercados luandenses apelidaram de “pila doce”, e anunciam-nos em altos pregões sem qualquer pejo. Depois de me saudar, deu meia volta.

A Bela, esposa do Avô Zé, que estava mais afastada a tratar de uma banheira cheia de grossos carapaus, certamente, acabados de chegar da Praia da Mabunda, assim que me viu, gritou: - Eh!! Desde que nos prometeste oferecer o teu livro nunca mais vieste aqui. Você não presta. Assim não podemos só ler também a estória do Quadrado que está no teu livro?!!

Antes até de pensar em abrir a boca para lhe responder, o Navo, um dos que estava abancado no carcomido sofá, levantou-se impetuoso. Ao meu lado, disse: - Kota, ainda bem que vieste. Aqui, há dias, o Avô Zé cometeu um grande pecado que seria bom para escreveres nos teus contos. - Os outros, sorridentes, pularam em seu apoio. - E verdade, kota!!

Pus-me de ouvidos. O Navo, com a sua cerveja Cuca na mão, iniciou então a contar-me o pecado do Avô Zé, ganhando constantes apoios dos demais convivas, ante os esgares de admiração que nasciam no meu rosto. No fim, todos sorrimos.

Ainda gargalhávamos quando o “pecador” Avô Zé surgiu vestido a preceito, facto que levou os seus fregueses a indagar se íamos a uma festa matinal. Respondi que íamos ao Golf, onde o Avô Zé mataria o cabrito do “Kutakula Papa” do óbito do nosso pai João Miguel Kabondela. Os homens, que apenas apanharam a parte do “matar cabrito”, começaram a dirigir pedidos ao Avô Zé: - Traz-nos só a cabeça. Traz também o pescoço. Não esquece então, pai grande!!

O Avô Zé, como sempre pouco falador e naquela sua forma sisuda de ser: nem uma, nem duas. Antes de sairmos, prometi-lhes que arranjaría tempo para escrever a cena que acabavam de me contar. Partimos. O meu companheiro levava uma mochila



O pecado do avô Zé

preta às costas, na qual, decerto, estavam os materiais que lhe permitiriam executar mais um dos seus ofícios.

Actualmente, o Avô Zé, um coevo meu, é o “pai grande” do Quadrado, um mítico lugar daquele burgo que nos viu nascer e crescer. O movimento no Quadrado inicia muito cedo e não tem hora certa para acabar. Avô Zé vende cervejas, uísques dos pacotinhos, também apelidados de bola de fogo ou katula ó mbiza, e cigarros. A sua esposa Bela é quem se encarrega pelos petiscos, que, nesse dia, seriam mufetes de carapaus grossos.

Por lá, a história da venda de bebidas alcoólicas remonta desde o princípio dos anos oitenta. Naquele tempo, da nossa infância de calções rotos, o espaço contava com três casas que vendiam bebidas caseiras, nomeadamente, o Kimbombo e o Kaporroto, e recebia gente vinda de várias zonas de Luanda.

Lembro-me que, nesse período, a Polícia surgia várias vezes com os seus cavalos: prendia os vendedores e deitava as bebidas, porque se dizia que estava proibida a venda de tais bebidas caseiras pelo facto de que algumas pessoas, com o fito de obterem vantagens, andavam a colocar nelas produtos que causavam muitas mortes.

Mas essas acções da Polícia nunca se mostraram capazes de parar a vida daquele espaço. As bebedeiras e todas as coisas que lhes são anexas prosseguiram, de dia e de noite. Lembro-me ainda das muitas brigas que aí aconteciam e de muitos homens que por lá passaram, como por exemplo do Sujo, um intelectual que fora professor na Kiminha, no tempo colonial, e do André, um mestre mecânico oriundo da Província de Malanje. Am-

bos chegaram e colaram as nádegas no Quadrado. Abraçaram aquela vida até que a morte os encontrou, feitos indigentes. Primeiro fora o Sujo. Na noite do seu komba, o André, altamente embriagado, caiu na panela de canjica. Então, a partir desse dia, ao seu nome acresceu-se o apelido Canjica. Até hoje, depois de morto, o falecido André Canjica.

Entrementes, deixo para outro dia a história do Quadrado e, quiça, quando voltar a falar dela, juntar-lhe-ei também o mujimbo do 007, um kota do nosso arrabalde que acabou morto numa casa de Kimbombo da Banda Fixe, na zona do mais velho Chico Dya Makanda, por causa de um pedaço de pão com peixe frito. O seu algoz até era um gajo quase da nossa faixa etária, que jogava à bola connosco, o Nando. O nosso antigo adversário da bola, feito facínora, golpeou fatalmente o 007 com um garfo no pescoço. O chão daquele quintal fora avermelhado com o seu sangue.

Segundo os mais velhos, 007 fora um jovem de verdade. O que melhor trajava na banda. Conduzia motorizadas de grande gabarito. E as miúdas então... só as da cidade. Mulatas e morenas. As da zona não lhe mereciam. Mas eu conheci-o já um maltrapilho das casas de Kimbombo e Kaporroto, a viver à pida. Sobre esse seu estado, uns alegavam que a wanga lhe tinha acabado.

Retomo, então, a cena do Navo sobre o pecado do Avô Zé, este homem de mil e um ofícios, que também sempre nos ajudou a tirar o parasita da língua dos cachorritos de casa. Outro ofício que executa com incomparável perícia. Como o seu pecado me foi pedido para escrever, vamos a isso:

Manhã alta de uma sexta-feira. O Quadrado está às moscas, para espanto do Avô Zé, o proprietário da única taberna que nele existe. Por lá, o dia-do-homem há muito que começa antes do cacarejar dos galos da vizinha Anita e dos pregões do Giboró, o madrugador lotador da paragem de táxis ao lado.

Quedo, com as mãos presas à cintura, de súbito, Avô Zé esboçou ligeiro riso ao ver um freguês a chegar. Era o jovem Navo, considerado bom-pagante e cliente VIP, pois sempre que surgia no Quadrado era dia de dikomba na certa.

- Papoite Avô Zé, ninguém por aqui, o que se passa? - Navo indagou.

- Nem sei o que se passava, meu. Até já estou a pensar que estão a me atirar pempa nessas mboas que montaram as barracas aí à frente. - Disse o dono da taberna, numa voz maviosa.

- Deixa disso, Coroa. Você é pai grande. Nenhuma pempa vai te actuar. Dá-me uma Cuca bem gelada, vou ligar para os môs wis. Vamos já aquecer esta cena!!

Já com o rosto alegre, Avô Zé entregou a cerveja ao seu primeiro cliente e, talvez temesse que lhe faltaria tempo mais tarde, correu à Pracinha da Teixeira, de onde regressou com uma grande coxa de frango. Chegado, sua cadela achou-se a jubilar, com a cauda em dança interminável.

No seu cansado sofá, estavam já três pares de nádegas, sendo o do meio o mais avantajado. Era o da Bibicha, a congolosa democrática que surgira na área e roubara a paz de muitos lares. Mas que mulher sossegaría ao ver o seu parceiro a prosar com aquele mulherão? Dessa vez, estava aí a convite do Navo, que ao ver o



Okusungulula kwa ngongo



MÁRIO PEREIRA

Ngiva kusungulula kwa ngongo kujimbidila Kyoso kingimona ndumba dya atu kudibeta Ndumba dya atu mwene ku-

ditundisa manyinga Kala jinguma jamwenyu; makamba ma kufwa Okufwo kwo ilundijisa imbi yezala malamba Malamba mazula kihanji kya kwandala kwijiya Mukwanyi utuma mu ngongo iyi mu twala!

Sumbala kyenyeke pe, nzala ivula mu mala Ivudisa dingi okufwa kwa ahetu se kumwanya Mwanya wiza kwa atalalesa o utemenu wa lamba Olamba lwenoyo kwila lwenene mwene owindwa Owindwa wenyoye wixi mwene mwene kalunga!

Kyoso kingimona ndumba dya atu kudibeta Ngiva kusungulula kwa ngongo kujimbidila!

Quedo, com as mãos presas à cintura, de súbito, Avô Zê esboçou ligeiro riso ao ver um freguês a chegar. Era o jovem Navo, considerado bom-pagante e cliente VIP,



pai grande do Quadrado fez logo um aceno: aquele copiou e, sem delongar, meteu a Bibicha e sua acompanhante com as mãos ocupadas. Nocal era a marca da cerveja.

Avô Zê sentou-se num escabelo de madeira. Preparou a coxa com rapidez, para gáudio da sua cadela. O seu rabear infundável ganhou mais vigor. As labaredas no fogareiro não tardaram. O boss do Quadrado foi atendendo os três fregueses ao mesmo tempo que cuidava do seu manjar. Depois de tirar a coxa de frango do fogareiro, preparou a salada.

Tudo concluído, colocou uma pequena mesinha à frente do seu escabelo de madeira. Pousou nela o pitéu, uma gasosa Coca-cola e, sem sequer convidar os seus clientes, começou a manducar. A cadela, à frente de si, aumentara o pra-cá-e-pra-lá do balançar da sua cauda. A língua de fora e os olhos presos na boca do seu dono, que parecia não a ver. Os três clientes, com

as garrafas vazias nas mãos, respeitando o momento sagrado do homem, prenderam-lhe também o olhar, que se ia pasmando ante a friquidez daquele para com a sua cadela.

A cadela, cansada de esmolar sem sucesso, retirou-se. Fora deitar-se adiante. O Avô Zé, no regalo da sua apetitosa épula, esqueceu-se de tudo e de todos. Não poupou os ossos. Com os olhos fechados, mastigou-os até lhes sugar todo o tutano. Findo, pegou no prato em que havia os ossos amigalhados. Levantou-se para ir despejá-los no sujo prato da sua cadela. Esta, ao vê-lo a aproximar-se, balanceou lentamente a cabeça de um lado a outro e simulou que dormia, acto que levaria os três clientes a ter os dentes à mostra. Boquiabertos.

- Oh!! Vocês não avisam que as vossas garrafas estão vazias?! - Regressando, Avô Zé indagou os seus clientes. A seguir, limpou a boca com as costas da mão direita.

- Avô Zé, és pecador. Comes e não dás também àquela que te protege?! Por isso é que os clientes estão a te fugir. Vais acabar sozinho aqui no Quadrado. Até perdemos o apetite... não vamos beber mais. - O Navo retrucou e pagou o consumo.

Dessa vez, quem ficara com o rosto aparvalhado fora o Avô Zé, o pai grande do Quadrado, ao ver o freguês bom-pagante que lhe garantiria um dia-do-homem de bons lucros a ir-se embora, com as suas duas amigas que andavam num saracoteio de ancas inebriante.

**25 de Dezembro de 2019,
Natal, às 19:35**



A sensatez do mundo

(1) Sinto perdida a sensatez do mundo/Quando vejo muita gente agredir-se Muita gente a ensanguentar-se/Como inimigos da vida; amigos da morte/Essa morte que vai fazendo com que se enterrem corpos repletos de in-

fortúnio/Desgraças que despem ansiedades de querer conhecer/Quem manda neste mundo em que nos encontramos!/Apesar disso, a fome cresce na barriga/Faz crescer de novo o perecer das mulheres sem sol/Sol que vem fazer esfriar o calor do infortúnio/Infortúnio esse que é o mesmo que a desgraça/Desgraça essa que afirma ser ela mesma a eternidade!/Quando vejo muita gente agredir-se/Sinto perdida a sensatez do mundo!

